

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Letras

Edwani Aparecida Pereira

**O Discurso Político e suas interfaces na Psicanálise e na Análise do
Discurso**

Belo Horizonte

2022

Edwani Aparecida Pereira

**O Discurso Político e suas interfaces na Psicanálise e na Análise do
Discurso**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos — Linguística e Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniella Lopes
Dias Ignácio Rodrigues.

Belo Horizonte

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P436d Pereira, Edwani Aparecida
O discurso político e suas interfaces na psicanálise e na análise do discurso /
Edwani Aparecida Pereira. Belo Horizonte, 2022.
86 f. : il.

Orientadora: Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues
Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
Programa de Pós-Graduação em Letras

1. Lacan, Jacques, 1901-1981. 2. Linguística. 3. Análise do discurso. 4. Psicanálise. 5. Psicanálise e linguística. 6. Psicanálise e política. 7. Enunciação. I. Rodrigues, Daniella Lopes Dias Ignácio. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

SIB PUC MINAS

CDU: 801:159.9

Edwani Aparecida Pereira

O Discurso Político e suas interfaces na Psicanálise e na Análise do Discurso

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos — Linguística e Língua Portuguesa.

Prof.^a Dr^a. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues

Prof. Dr. Alexandre Simões Ribeiro

Prof.^a Dr^a. Gesianni Amaral Gonçalves

Prof.^a Dr^a. Jane Quintiliano Guimarães Silva

Prof. Dr. Robson Figueiredo Brito

Belo Horizonte, 20 de dezembro de 2022

Eu sempre falo a verdade. Não toda a verdade, porque não há como dizer tudo. Dizer tudo é literalmente impossível: as palavras falham. No entanto, é através dessa impossibilidade que a verdade se agarra ao real.

Jacques Lacan

AGRADECIMENTOS

Dizer muito obrigada não será suficiente para expressar minha gratidão por todos que, de alguma forma, me ajudaram até aqui. Início, então, agradecendo a minha orientadora Prof.^a. Dr.^a. Daniella Lopes Dias Ignácio Rodrigues. Nossos encontros foram ímpares; obrigada por toda paciência e disponibilidade.

À toda equipe de professores e funcionários PUC – Coração Eucarístico - a excelência do trabalho de vocês deixaram minha jornada mais leve. Aos meus colegas de curso; a distância não nos impediu de criar laços.

Aos meus pais Edward Pereira e Maria Aparecida. Vocês são meus exemplos de persistência, honestidade e luta.

Ao meu filho Albano Henrique e meu marido Albano; obrigada por caminharem sempre comigo.

As minhas equipes de trabalho da CLÍNICA BEM VIVER E FEOL, pois não seria possível chegar aqui sem o apoio de todos vocês.

Resumo

Tendo em vista o contato entre Linguística e Psicanálise, esta pesquisa pretende demonstrar que, tanto para a Psicanálise, quanto para a Linguística, haverá sempre “marcas” de heterogeneidade e de intersubjetividade que não são somente as que propõem o enunciador, mas que se sobressaem sob a forma de “escapes”, produzindo sentido diversos na construção do sentido do discurso. Para alcançar esse objetivo, construímos um corpus composto por entrevistas e declarações do presidente Jair Messias Bolsonaro nos últimos dois anos e divulgadas em mídias eletrônicas. Entende-se a importância de se analisar as “marcas” da presença do Outro que são inerentes à construção dos sentidos no discurso, promovendo possíveis articulações entre as teorias da análise do discurso (AD) e a psicanálise lacaniana, estabelecendo um percurso entre trabalhos de Pêcheux em AD e os de Lacan em psicanálise que apresentam uma posição distinta para conceitos cruciais desta pesquisa. Desse modo, discurso, articulação significativa, língua, sujeito, sentido só funcionam enquanto pertencentes a uma rede conceitual, reescrevendo-se e significando-se uns aos outros. A língua nos falta e nos constitui enquanto sujeitos. Partindo dessa afirmação aparentemente paradoxal, pretendemos nesta tese discutir as noções de língua e sujeito, tal como são vistas pela Análise do Discurso de linha francesa (AD) em sua intersecção com a Psicanálise. A ideia da incompletude apenas paira sobre a concepção da linguagem, pois as pistas contextuais tendem a preencher essa falta, pelo fato de que o sujeito que atravessa a AD e seus estudiosos seja notoriamente distante do sujeito do inconsciente da Psicanálise que é marcado também pela incompletude e pelo desconhecimento. A Linguística e a Psicanálise assim convergem para um ponto: ambas são metáforas que se fabricam e são feitas para não funcionar. Ao inverter a relação de Saussure (2006) e colocar o significante em uma posição privilegiada em relação ao significado, Lacan (1998) ressalta que, no inconsciente, as representações têm sempre de ser tomadas como significantes. Uma palavra em si não tem sentido algum, sem um sujeito que se responsabilize e responda por ela, de acordo com a representação que tal palavra tem para si em sua história particular. Os significados são construídos através da comunicação que está ocorrendo com mais frequência através dos meios de comunicação, eles podem banalizar a formação social, além disso podem provocar construções ideológicas de valores na estrutura da sociedade. O discurso desse governo parece justificar a não-quarentena por questões econômicas.

Palavras-chave: Discurso Político, Psicanálise, Análise do Discurso.

Abstract

Bearing in mind the contact between Linguistics and Psychoanalysis, this research intends to demonstrate that, both for Psychoanalysis and for Linguistics, there will always be “marks” of heterogeneity and intersubjectivity that are not only those proposed by the enunciator, but that stand out in the form of “escapes”, producing different meanings in the construction of the meaning of the discourse. To achieve this goal, we built a corpus composed of interviews and statements by President Jair Messias Bolsonaro in the last two years and published in electronic media. It is understood the importance of analyzing the “marks” of the presence of the Other that are inherent to the construction of meanings in the discourse, promoting possible articulations between the theories of discourse analysis (DA) and Lacanian psychoanalysis, establishing a path between works of Pêcheux in AD and those of Lacan in psychoanalysis that present a different position for crucial concepts of this research. In this way, discourse, significant articulation, language, subject, meaning only work while belonging to a conceptual network, rewriting and giving meaning to each other. Language is lacking and constitutes us as subjects. Based on this apparently paradoxical statement, we intend in this thesis to discuss the notions of language and subject, as they are seen by the French Discourse Analysis (DA) in its intersection with Psychoanalysis. The idea of incompleteness only hovers over the conception of language, as contextual clues tend to fill this gap, due to the fact that the subject that crosses the AD and its scholars is notoriously distant from the subject of the unconscious of Psychoanalysis, which is also marked by incompleteness. And by ignorance. Linguistics and Psychoanalysis thus converge to a point: both are metaphors that are manufactured and are made not to work. By reversing Saussure's (2006) relationship and placing the signifier in a privileged position in relation to the signified, Lacan (1998) emphasizes that, in the unconscious, representations always have to be taken as signifiers. A word in itself has no meaning, without a subject who takes responsibility and answers for it, according to the representation that such word has for itself in its particular history. The meanings are constructed through the communication that is taking place more frequently through the means of communication, they can trivialize the social formation, in addition they can provoke ideological constructions of values in the structure of the society. This government's speech seems to justify the non-quarantine for economic reasons.

Keywords: Political Discourse, Psychoanalysis, Discourse Analysis.

Sumário

Resumo	6
Palavras-chave: Discurso Político, Psicanálise, Análise do Discurso.	7
Introdução	11
Capítulo 1.	23
1.1.AD de orientação francesa.....	23
1.2 Lacan e o estruturalismo	24
1.2.1 Categorias teóricas da AD	34
1.2.2 Discurso	34
1.2.3 Sujeito.....	36
1.2.4 Memória	39
1.2.5 Formação Discursiva	40
1.2.6 Interdiscurso.....	44
Capítulo 2.....	46
1 Psicanálise Lacaniana.....	46
2.1 Categorias teóricas da Psicanálise	49
2.1.2 Discurso	49
2.1.6 Inconsciente	59
2.1.7 Ideologia.....	62
2.1.8 Inconsciente do discurso do outro	63
Capítulo 3.....	66
1 Metodologia.....	66
1.2 A coleta do <i>corpus</i>	67
1.3 A constituição de dados.....	68
Capítulo 04	71
1 Análise do <i>corpus</i>	71
1.2 Os dados na Linguística	75
1.3 Os dados na Psicanálise	75

Referências: 81

Introdução

O diálogo entre a Linguística e a Psicanálise é visível desde Freud. Lacan, que dispensou a divisão entre “língua” e “fala” proposta por Saussure no contexto da teoria psicanalítica, estabelece o conceito de “fala” muito mais palpável na associação livre. Ou seja, aquilo que é trazido pelo paciente no *setting* psicanalítico — também conhecido como enquadre psicanalítico refere-se ao espaço proposto para promover a estruturação simbólica dos processos subjetivos inconscientes, integrando as condições técnicas básicas para a intervenção psicanalítica (BARROS, 2013). Segundo Lacan (1956 [1953] /1998, p.248), "quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente". A fala é por excelência o elemento material que o psicanalista deve manejar para o tratamento. Assim, pode-se falar em corte entre a linguística saussureana e a psicanálise lacaniana (MILNER, 2010), pelo fato de a fala, para a Psicanálise, ser objeto de “estudo” do analista.

“Significante” e “significado” consistem em “ordens distintas” em Lacan e Saussure. Para este, “existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado”, sendo que “o signo linguístico une um conceito e uma imagem acústica” (SAUSSURE, 1978, p.80-81), categorias estas denominadas respectivamente *significado* e *significante*. Por exemplo, o significante “casa” tem o representante mental casa como moradia. Já em Lacan existe uma “barreira resistente à significação”, ou seja, o significante “casa” não se restringe ao conceito mental de casa.

Na introdução da edição alemã dos Escritos, texto redigido por Lacan em 1973, ele evoca o “nome do significante” como o constituinte do sentido pelo qual a linguística fundou seu objeto. Não se pode negar a distância (re)estabelecida por Lacan entre o campo da Psicanálise e o da Linguística dita “saussuriana”, na qual prevalece preferencialmente a triangulação “valor” – “arbitrariedade” – “lalangue”. Lacan articula a questão do sentido, exemplarmente, à do enigma, já que “uma mensagem decifrada pode continuar a ser um enigma” (LACAN, 1973, p.553).

Ou seja, é para além do signo linguístico — como composto pela dupla significante-significado — e para além do significante puro — puro “non sense” da Instância da letra (LACAN, 1957) — que o psicanalista chama nossa atenção para a dimensão de persistência de um signo-enigma. Ao falar sobre “um sentido que não é mais dominado pelo significante”, Lacan “propõe uma definição do signo que deixa do lado o sentido, e uma definição do sentido que não implica essencialmente sua relação com o signo”

O signo vai ganhando uma certa autonomia, tanto em relação (externa) com os conceitos linguísticos de significante e significado, quanto em relação (interna) com o simbólico do seu momento anterior e com o “sentido do sentido” que ele está, doravante, tentando circunscrever paradoxalmente — já que, na prática psicanalítica, o sentido é aquilo que “se capta por escapar” (LACAN, 1973). O ser que verbaliza um apelo é um ser que está no nível da linguagem, isto é, integrado a um sistema simbólico, e é esse que possibilita o seu desenvolvimento enquanto homem. “(o) apelo humano (...) se reproduz justamente num ser que já adquiriu o nível da linguagem” (Lacan 1986, p. 101). Esse apelo verbalizado revela o que se pode chamar de um verdadeiro paradoxo do sujeito humano e o primeiro que se manifesta em análise, pois, ao que parece um processo analítico progride da seguinte maneira: caso venha o psicanalista ofertar respostas para o apelo de seu psicanalisando, respostas que, por mais adequadas que sejam, ou fórmulas prontas para a demanda deste paciente, este se frustra muito mais do que se recebesse, da parte do analista, o seu silêncio como um modo de resposta.

Desde a criação da Análise do Discurso (AD), a teoria psicanalítica sobre o sujeito — com Freud e conseqüentemente com Lacan — foi considerada por Pêcheux na proposição de sua metodologia de leitura não subjetiva.

Na linguística do discurso, Pêcheux e Fuchs (1997) referem-se a uma teoria do sujeito de base psicanalítica, porém a articulação da AD com a Psicanálise não chegou a ser trabalhada em profundidade por Pêcheux, conforme comenta Mالدیدیر (2003). A AD se apropria do conceito de inconsciente lacaniano desde a primeira fase¹, mas somente na segunda fase

¹ Tais fases serão explicitadas no Capítulo 1.

concentra-se no processo de subjetivação do sujeito pelo seu dizer. Sabe-se que a questão do inconsciente é apenas deixada de lado, mas sempre está presente nos trabalhos de Pêcheux (como no caso dos dois esquecimentos, os quais serão discutidos a seguir).

Já a Psicanálise, por sua vez, além de contemplar o inconsciente, considera o papel exercido pela ideologia sobre o sujeito. Tais constatações apontam para uma harmonia entre a interpretação em AD e em Psicanálise, que tem como produto final o chamado analista psicanalítico-discursivo. Esse novo analista utiliza-se de pontos de aproximação entre a AD e a Psicanálise, posicionando-se diante de um discurso que é marcado pelos deslizamentos do sujeito do inconsciente e do sujeito da ideologia.

Além disso, a articulação da AD com a psicanálise lacaniana estabelece-se a partir do conceito de interpretação, pois sabemos que interpretar é inerente ao homem, que está inserido no mundo simbólico, onde o signo é retomado pelo falante durante a produção do discurso e o sentido é realizado por cada sujeito envolvido nesse discurso de forma inconsciente ou não, e de acordo com suas possibilidades de interpretação e objetivos comunicativos.

Essas duas áreas disciplinares abordam o sentido considerando a opacidade e o sujeito em sua singularidade, compreendida, aqui, como a singularidade pela qual a ideologia interpela o indivíduo como sujeito. Para a Psicanálise, haverá sempre marcas linguísticas que não são apenas o que o enunciador propõe ou pretende propor, mas que se destacam sob a forma de “escapes” da fala, na forma de tropeços, atos falhos ou da própria ironia. A volta do reprimido nem sempre é translúcida e clara, posto que o conteúdo que escapa se torna disponível de maneira cifrada, distorcida e velada.

Observando a dimensão de como os estudos linguísticos têm sido reformulados, a fim de dar conta de um objeto (sintoma) como a linguagem, como Saussure acreditava no processo científico de isolá-la, tomando-a como sistema, desvinculando de toda a exterioridade, Chomsky reduziu-a a um componente sintático e os dois desconsideraram o sujeito. Por sua vez, os estudos enunciativos trazem novamente o papel do sujeito e suas diversidades. Em uma das rupturas epistemológicas da historiografia linguística, chamada Linguística da Enunciação, Benveniste concebe o sujeito como unívoco e dono

do que diz, um sujeito egocêntrico, um instrumento de comunicação (NORMAND, 2009).

Já Bakhtin, embora faça teoria literária numa perspectiva filosófica, inicia um novo rumo aos estudos linguísticos ao estabelecer a relação do eu com o outro, uma concepção dialógica da linguagem, não equivalendo a uma concepção de diálogo, mas, sim, do dialogismo, pois, para o autor, o outro que perpassa a língua é um Outro enquanto discurso e também enquanto receptor. A noção de língua passa, assim a ter uma relação social e ideológica em que “a enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes” (BAKHTIN, 1995, p.127).

Quando Benveniste instaura a subjetividade como sendo constitutiva da língua, dando ao sujeito um status de poder, estabelece que o sujeito precisa ser considerado. Porém, o modo como se vê esta relação estabelecida entre esse sujeito e a língua é que vai determinar o surgimento de algumas teorias, inclusive a AD. E como a AD toca a Psicanálise? A partir do pressuposto de que tudo não pode ser dito, trazendo à tona o saber de que o impossível se inscreve na linguagem. Esse ponto é perceptível a partir da noção de heterogeneidade constitutiva, que prevê o status do sujeito com a presença do Outro — inconsciente. A Psicanálise nos permite designar esse sujeito do qual não falamos e com o qual não falamos somente o que queremos o lugar do inconsciente.

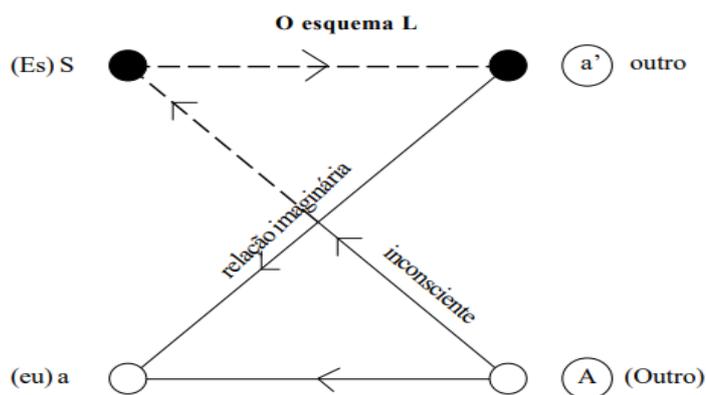
Para a Psicanálise, o sujeito é desejante, interpelado pelo inconsciente, através do qual se percebem as falas dos outros. Lacan distingue no seu Seminário 2² uma dupla dimensão de alteridade: o outro e o Outro: “Há dois outros que se devem distinguir, pelo menos dois, um outro com A maiúsculo e um outro com a minúsculo, que é o eu. O Outro, é dele que se trata na função da fala (LACAN, 1985, p. 297). A topologia na obra de Lacan apresenta a

² Lacan, na verdade, teve apenas somente um aparelho de ensino: seu Seminário. Provavelmente a existência durante trinta anos do seminário de Lacan tenha contribuído para fixar este conceito na língua francesa. No latim clássico, *seminários*, é uma horta, *Seminário* vem de sêmen. O sentido moderno da palavra Seminário tem sua origem na Contrarreforma (ou seja, um lugar, uma instituição da religião onde os jovens são preparados para receber as ordens religiosas). O moderno sentido do *Seminário* é criado no Concílio de Trento, na Contrarreforma, quando a Igreja Católica buscava os aparelhos para reconquistar a cristandade. Por extensão, a partir deste sentido moderno, tomou o sentido geral de ser o lugar onde os jovens são formados.

função da tópica em Freud com o objetivo de explicar a espacialidade do psiquismo, uma relação espacial entre inconsciente e consciente.

Essa é a representação metodológica através do esquema em L que se constitui pelos quatro lugares que suportam a palavra falada: o sujeito, o eu, o outro e o Outro, respectivamente, S, a, a' e A. Esses lugares chamados de quaternário do esquema L nos possibilita aplicar a concepção de estrutura de grupo estabelecida pela relação entre esses elementos que formam o esquema L.

Figura 01



Fonte: GARCÍA ARROYO; DOMÍNGUEZ LÓPEZ (1985, p.297)

Os elementos representados nesse esquema são:

S – O sujeito do inconsciente deve ser lido na função genitiva, de que o consciente tem posse do sujeito. É o sujeito no sentido de assujeitado;

a' – O outro em posição de objeto é uma projeção do eu do conhecimento, que se conhece pelas imagens que faz de si;

a-O eu da experiência, em que o eu que enuncia se vê a si mesmo, o falante que sustenta o enunciado;

A-O Outro é a alteridade radical do tesouro dos significantes.

O esquema em L possibilita mostrar que a fala passa por um desvio. O desvio pelo Outro, uma concepção significativa de Lacan no Seminário 9, tem a forma da letra grega *Lambda*. E de que desvio se trata no esquema L? Um desvio promovido pela barreira imaginária em que o eixo imaginário faria uma barreira ao eixo simbólico. O desvio entre fala e linguagem nos obriga a indicar que em toda fala haveria um desvio pelo Outro. É dessa barreira imaginária que Pêcheux (1987) se apropria para definir as condições de produção do discurso.

O esquema em L foi introduzido no Seminário 2 e foi apresentado nos Escritos em “O Seminário sobre a carta roubada”, como uma forma de demonstração da relação entre sujeito com a ordem simbólica e com o imaginário. Lacan mostra que falar é fazer falar o Outro, e a fala é produzida através de um desvio pelo Outro. Ao falar, sou falado no lugar do Outro, na medida em que reconheço que ele tem uma posição simbólica.

Ao falar, recebe-se do outro o próprio sentido invertido. Há duas estruturas em que se aplica essa fórmula, aquela em que se reconhece o Outro e a que não há reconhecimento do Outro. O esquema, tal como Lacan (1955-1956/1985) o descreve no livro 3 do seu Seminário, figura a relação quaternária entre o sujeito e os três outros: o outro, o eu e o Outro: “Uma triplicidade está aqui indicada no sujeito que abrange o fato de que é o eu do sujeito que fala normalmente a um outro, e do sujeito, do sujeito S, em terceira pessoa” (LACAN, 1955-1956/1985, p. 23).

O esquema L permite representar a hipótese de que, no discurso psicótico, “o inconsciente aparece no Real” (LACAN, 1955-1956/1985, p. 20). Essa seria a primeira ocorrência, nas lições do Seminário de Lacan, do termo Real com uma finalidade tópica. Lacan elabora, com o esquema L, uma etapa essencial de sua topologia enquanto ela tem a ver com a função da fala. Na fala, está em questão uma enunciação que visa significar; a fala se opõe ou se cruza com a cadeia significativa, que vem a ser o campo da linguagem, marcado por uma sincronia e por uma sintaxe.

Um esquema é forma de representar espacialmente funções de relações e, nesse caso, é a função da fala e sua relação com o campo da linguagem, sendo ela o lugar do Outro. O esquema L possibilita mostrar que a fala é interrompida por um desvio. Esse desvio é uma concepção cara à Lacan, ganhando importância principalmente após o Seminário 9. Lacan (1966) vai mostrar que falar é fazer o Outro como tesouro dos significantes, pois a fala é produzida através de um desvio pelo Outro.

Assim, ao falar, sou falado no lugar do Outro. Isso acontece à medida que reconheço o Outro em meu interlocutor, ou seja, reconheço que o interlocutor está em uma posição simbólica.

O inconsciente ou o Outro, na teoria lacaniana, sempre está presente, pode inclusive estar recoberto pelo imaginário, sendo uma instância fundadora e constitutiva do sujeito como desejoso e falante. Todas essas provocações são apresentadas quando Michel Pêcheux entra efetivamente em contato com Authier-Revuz (1982). Esse contato seria decisivo e colocaria de uma vez por todas o discurso, e, por conseguinte, o sujeito, sob o signo da heterogeneidade. A presença do Outro emerge no discurso, quando se insiste na descontinuidade, trazendo uma alteração no domínio do sujeito, destacando a importância permanente do Outro.

As marcas de heterogeneidade são formas de se demonstrar o desvio do dito e, ao mesmo tempo, um sintoma e uma defesa, produzindo um “vazio” no discurso. Na linguística da enunciação, Authier-Revuz (1982) considera em sua proposição teórica sobre a heterogeneidade da linguagem as marcas linguísticas de atravessamento do Outro, no discurso, as quais podem ser analisadas através da heterogeneidade marcada ou não-marcada.

Abordar o sujeito pelo viés discursivo, no mínimo, permite ao psicanalista a feitura de uma hipótese diagnóstica desligada de qualquer preocupação meramente taxonômica e, assim, dedicar-se ao que lhe compete — a construção de sentidos. A semiologia psicanalítica, quer estejamos no nível dos sintomas, das estruturas ou dos tipos clínicos, ou no nível das formações do inconsciente (atos falhos, chistes, sonhos, sintomas), ou ainda no nível das modalidades de transferência, deve admitir como ponto de partida o “fracasso” da construção de sentido e não seu sucesso. Lacan afirma que o

sentido depende de enunciados e que estes são apreensíveis como superfícies.

Lacan (1998) já reconhecia em suas primeiras elaborações teóricas a aproximação da Linguística com a Psicanálise e como essas duas áreas poderiam avançar significativamente.

Enfim, como se vê, o diálogo entre a linguística da enunciação e do discurso e a psicanálise realizou-se a partir do conceito de sujeito assumido por essas duas correntes de estudos linguísticos e esta área de saber — Psicanálise. A questão do sujeito sempre foi uma problemática fundamental para o estudo do discurso, pois o processo de negação de uma visão psicologizante do sujeito foi um grande investimento da AD, que tomou de Althusser “os fundamentos reais”; segundo Pêcheux, de uma teoria não-subjetiva do sujeito como “teoria das condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção: a relação entre inconsciente (no sentido freudiano) e ideologia (no sentido marxista) [...] esclarecida pela tese [...] [de que] “a ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” (PÊCHEUX, 2009, p. 123).

Podemos discernir de que modo o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como processo do Significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção (PÊCHEUX, 2009, p. 123).

Para Lacan (1996), o inconsciente emerge em momentos distintos, na medida em que o sujeito tem barrado seu acesso ao Real (o Real, o impossível, pulsional) em uma primeira separação do imaginário do inconsciente e pelo qual o sujeito mediado pela linguagem se destrói em relação a si e para si, alienando-se no significante. O que Lacan denominou formação do inconsciente (o sonho, o lapso, o ato falho, o chiste e o sintoma) relaciona-se diretamente à noção de sujeito que a AD tenta investigar, pois o controle dos sentidos para a Psicanálise também escapa ao falante, fazendo emergir a categoria sujeito do inconsciente, sujeito dividido na duplicidade do

sujeito, sendo a “aquisição da linguagem que permite o acesso ao simbólico e a consequente clivagem da subjetividade” (GARCÍA-ROZA, 2004, p. 176).

Tendo em vista esse contato entre Linguística e Psicanálise, esta pesquisa pretende demonstrar que, tanto para a Psicanálise, quanto para a Linguística, haverá sempre “marcas” de heterogeneidade e de intersubjetividade que não são somente as que propõem o enunciador, mas que se sobressaem sob a forma de “escapes”, produzindo sentido diversos na construção do sentido do discurso.

Para alcançar esse objetivo, construímos um *corpus* composto por declarações do presidente Jair Messias Bolsonaro, eleito com apoio majoritário de lideranças religiosas, assim, ele e seus apoiadores, entendem que foi “escolhido por Deus”. A ideia é que uma soberania divina controla e decide tudo, sendo a realidade é resultado, portanto, de um plano divino. Deus elege, controla e governa através de um “escolhido”. Entende-se a importância de se analisar as “marcas” da presença do Outro que são inerentes à construção dos sentidos no discurso, promovendo possíveis articulações entre as teorias da análise do discurso (AD) e a psicanálise lacaniana, estabelecendo um percurso entre trabalhos de Pêcheux em AD e os de Lacan em Psicanálise que apresentam uma posição distinta para conceitos cruciais desta pesquisa.

Justifica-se, ainda, esta pesquisa pelo fato de que nem Freud nem Lacan figuraram na bibliografia inaugural de Michel Pêcheux — *Analyse automatique du discours* (AAD-69). Pêcheux, sendo aluno de Althusser, na *École Normale Supérieure*, aproxima-se, teoricamente, do sujeito da Psicanálise, embora as referências e tentativas dos conceitos freudianos e lacanianos na AAD sempre foram muito limitadas. “Nem Freud nem Lacan figuram na bibliografia da AAD, e a psicanálise, enquanto tal, se encontra aí apenas furtivamente mencionada.” (GADET; MALDIDIER; 1997, p. 49). Tal descrição deve-se tanto a uma questão político-acadêmica — não contrariar uma Psicologia mais positivista e ligada às ideias vigentes de Jean Piaget, sustentadas pela revista que deveria acolher seu texto — na AAD; o Materialismo Histórico ocupava um lugar central e a Psicanálise era vista como uma ideologia pequeno-burguesa, apesar do texto de Althusser (Althusser, 1984) ser dedicado a defender a Psicanálise como ciência de fato,

compreensão esta que, possivelmente, abriu a porta para Pêcheux trazer a Psicanálise para sua teoria do discurso (SOUZA, 2019). Tais contingências contrárias ao desejo de Pêcheux de se apropriar, pelo Materialismo Histórico, da noção de sujeito descentrado acabaram por determinar, pelo menos por um bom tempo, o lugar secundário do sujeito psicanalítico na teoria pecheutiana em 1969.

Em outras palavras, propor uma leitura analítica do sujeito do inconsciente a partir da Psicanálise e da AD francesa, mostra-se como um possível avanço interpretativo da noção de sujeito psicanalítico do discurso, tendo em vista as disciplinas em que esse conceito teórico é construído.

Na leitura dos dados, serão assumidos, também, os conceitos de Authier-Revuz sobre a heterogeneidade discursiva, teoria na qual se articulam AD e Psicanálise, sobretudo nas questões referentes ao Outro e à produção do discurso. Junto às teorias, será adotada a análise de enunciados veiculados nas plataformas digitais oriundos de discursos políticos, com a finalidade de apontar como a interpretação em AD e em Psicanálise podem contribuir para um entendimento de como as marcas do Outro nos discursos produzem efeitos de sentidos distintos. Nas análises realizadas, pretende-se observar a possibilidade da semelhança/discrepância de conceitos centrais destas teorias (AD e Psicanálise), tais como ideologia, desejo, inconsciente e Outro, verificando até onde a AD e a Psicanálise podem ir no sentido de interpretar e analisar os efeitos de sentidos de fatos linguísticos, bem como as limitações das respectivas áreas de saber.

Considerando que a heterogeneidade é condição de todo discurso, é importante analisar a transformação cartesiana de um discurso dentro dos estudos linguísticos, tendo não somente o posicionamento de um sujeito intencional e egóico, mas assujeitado pela ideologia e afetado pelo inconsciente.

Assim, o estudo de uma língua que nos falta imprime ao sujeito da linguagem também um lugar de incompletude e é desse modo e não de outro que se deve ver os produtos desse sujeito na linguagem, sobretudo de como seria possível nomear o inominável através dos discursos.

Acredita-se que o *corpus* apresentado ofereça substratos importantes sobre os efeitos de sentido de discursos proferidos na arena política no Brasil nos últimos 4 anos.

Enfim, a questão que se coloca para a compreensão da semelhança/discrepância de conceitos centrais destas teorias (AD e Psicanálise), tais como ideologia, desejo, inconsciente e Outro, verificando até onde a AD e a Psicanálise podem ir no sentido de interpretar e analisar os sentidos, bem como as limitações dessas áreas de saber, é: quais as marcas de heterogeneidade e de intersubjetividade que podem ser lidas no interior tanto da Linguística quanto da Psicanálise, que se sobressaem sob a forma de “escapes”, produzindo sentidos diversos na construção do sentido do discurso.

A linguística da enunciação tem como objeto de estudo a enunciação como uma expressão direta do enunciador, à medida que incluímos dentro deste objeto o sujeito, pois sempre que a língua é enunciada em um tempo e espaço, temos um sujeito.

A análise da fala tendo como enunciador proferido por um sujeito real passa a apresentar marcas de um enunciado atravessado pela subjetividade do locutor. Estas marcas não se localizam somente nas representações que o sujeito enuncia, mas também no próprio sujeito. Como objetivo geral, pretendemos compreender, a partir de uma análise comparativa, diferenças e/ou semelhanças entre o estudo de identificação de vozes realizado pela linguística da enunciação e pela Psicanálise. Como objetivos específicos, pretendemos: I) analisar recortes/seguimentos discursivos do ponto de vista linguístico e de como a teoria psicanalítica faz uso desta estrutura e II) verificar como a teoria psicanalítica e a AD trabalham conceitos comuns a esses discursos e suas interlocuções possíveis.

O grande objetivo da investigação é estabelecer pontos de convergência entre a Linguística e a Psicanálise, concretizados a partir do enfoque dado às categorias envolvidas na interação verbal. A introdução é ponto de partida para interação das reflexões, com a finalidade de situar a leitura; isto é, oferece ao leitor uma ideia de onde partem as reflexões feitas ao longo de todos os capítulos, especificando/delimitando dizeres relativamente à questão das categorias elegidas na AD e na Psicanálise frente aos saberes científicos.

A princípio, a proposta é a análise de forma isolada das duas teorias (AD e Psicanálise) para posteriormente relacioná-las. O *corpus* foi eleito a partir de recortes ou a íntegra de pronunciamentos, entrevistas ou fragmentos de discurso das lideranças políticas do Brasil nos últimos 2 anos, uma vez que esse *corpus* traz várias possibilidades de análise; não somente uma análise semântica, mas, como propõe a AD, também a análise dos efeitos destes sentidos, suas condições de produção, incluindo o contexto histórico, os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si e do outro e do referente.

O capítulo inicial é a porta de entrada para o estudo das categorias eleitas para servirem de pilares, a saber: discurso, sujeito, memória, FD e interdiscurso sob a ótica da AD francesa, teoria eleita para o arcabouço estudado. Em seguida, continuamos com os estudos das categorizações dentro dos conceitos da abordagem da Psicanálise Lacaniana.

Nas considerações, ao mesmo tempo em que se discutem, ainda, algumas noções teóricas, tenta-se chegar a conclusões parciais, e não finais, pois se vê que não é possível esgotar toda a matéria, mas, a partir daí, propor outras leituras.

Capítulo 1.

1.1.AD de orientação francesa.

A Análise do Discurso da Escola Francesa (AD) surge em meio a um cenário de intelectualidade francesa, na década de 60, como reação a duas fortes tendências em destaque no campo da linguagem: o estruturalismo e a gramática gerativa transformacional. No centro desse movimento, está o estruturalismo linguístico como maior inspiração. Em 1969, Michel Pêcheux publica *Análise Automática do Discurso (AAD)*, bem como há o lançamento da importante revista *Langages* que apresenta textos que vão em busca de um sujeito até então descartado, encontrando-o na Psicanálise, descentrado, afetado pela ferida narcísica, distante do sujeito consciente que pensa ser livre e dono de si.

A partir do conceito de dispersão de outros discursos, a AD concebe o discurso formado e perpassado por vários outros discursos. Diante desta concepção surge o termo interdiscurso, isto é, o saber discursivo que torna possível todo dizer retomado a forma do que foi pré-construído ou já dito. Pêcheux recorre a campos fora da linguística, assim como Lacan faz uma releitura de Freud, para abarcar uma teoria não subjetiva do sujeito — a interpelação dos indivíduos como sujeitos falantes se faz através da ideologia e do inconsciente, iniciando o conceito de heterogeneidade.

Em contrapartida, é observada, também, a partir da heterogeneidade, a linearidade e a transparência do sentido que passa a ser visto por esse viés. A presença das aspas, do discurso direto, da presença do outro no texto, do interdiscurso e do inconsciente formam a heterogeneidade.

Authier-Revuz (1990) apresenta essas marcas em uma junção das teorias de Bakhtin e da Psicanálise, por meio de uma releitura feita de Lacan. Authier-Revuz considera o princípio dialógico constitutivo da linguagem e afirma que todo dizer é atravessado por outras vozes (polifonia), ou seja, nenhum dizer é original e carrega uma ideologia por trás desse dizer, pois há também o atravessamento do inconsciente.

1.2 Lacan e o estruturalismo

Se brevemente foi possível demonstrar que uma abertura para o inconsciente e os estudos discursivos se inscreve na obra do próprio Saussure (2006), Pêcheux e Gadet (2004) argumentam como sendo contraditório para os estudiosos da obra saussuriana compreender que o saber sobre a relação entre real e equívoco inicia-se na obra do próprio Saussure.

Essa contradição é sustentada pela conhecida leitura do projeto saussuriano, reconhecido por ser o fundador da Linguística Estrutural, que exclui da linguagem a dimensão do sujeito. Os linguistas pós-saussurianos, ao sustentar o Estruturalismo, fecharam-se para as contradições e os conceitos muitas vezes irresolúveis presentes no **Curso de Linguística Geral**. Pêcheux e Gadet (2004) ressaltam que o núcleo irresolúvel dos conceitos presentes no Curso é geralmente tamponados pelos linguistas ao situar o centro do empreendimento saussuriano no arbitrário do signo, controlando a relação entre significante e significado.

Lacan elege a transposição dos conceitos da psicanálise para notações simbólicas e que pretende apreender seu objeto culturalmente e não sob o ponto de vista da natureza. Apoia seu projeto de retorno a Freud no âmbito do estruturalismo. Inspira-se na matematização para formalizar de forma mais rigorosa o inconsciente freudiano.

Existe, na obra de Lacan, uma indiscutível influência do estruturalismo, percebida pelo registro do simbólico e pela tentativa de formalização do inconsciente, a partir da articulação de seus elementos mínimos, a redução de toda a língua ao grupo de um pequeno número dessas oposições fonêmicas, alcançando “uma formalização tão rigorosa de seus morfemas, os mais elevados, colocando ao nosso alcance uma abordagem estrita de nosso campo”. (LACAN, J. 1953/166, p. 284-285)

Para ele, o estruturalismo não se define pelo signo, mas sim, pelo significante, colocando este paralelismo em questão, desarranjando a ideia anterior do que pode ser dito em relação ao surgimento da letra num eclipse de sentido. Foi esse pensamento estruturalista que permitiu nos anos cinquenta

um modelo do inconsciente desvinculado da ideia de profundidade e de interioridade, separado da biologia, podendo, assim, romper com o humanismo, propondo um sujeito descentrado e determinado pelas leis da linguagem, situado fora do registro psíquico quanto somático. O estruturalismo também fornece a Lacan instrumentos eficazes, embora o sistema lacaniano inclua o sujeito e se distinga do sistema dos estruturalistas por apresentar-se como fundamento incompleto.

No Discurso de Roma, por exemplo, a proposta de Lacan é a de que as teses da Psicanálise sejam construídas a partir da explicitação de seus princípios (LACAN, J. 1953/1966, p. 239). E quais seriam esses princípios? Para o autor, eles só podem ser compreendidos se referidos ao campo da linguagem e à função da fala (LACAN, J. 1953/ 1966, p. 246).

“A psicanálise só tem um meio: a fala do paciente” (LACAN, J. 1953/1966, p. 247). Sob este prisma, a denominação, por Anna O. do método da Psicanálise como “talking cure” é precisa, “pois o que se encontra embutido na denominação é que a expressão verbal do evento traumático, causador do sintoma, produz como efeito a eliminação deste último” (LACAN, J. 1953/1966, p. 254).

E como explicar a ação da fala sobre o sintoma? A solução apresentada por Lacan é que “se o sintoma se resolve numa análise de linguagem, é porque é estruturado como uma linguagem” (LACAN, J. 1953/1966, p. 269).

Por último, “ainda neste escrito, Lacan enuncia a célebre proposição de que o inconsciente é o discurso do Outro” (LACAN, J. 1953/1966, p. 265). A afirmação que aparece também em *A instância da letra* abriga a ideia do inconsciente enquanto estrutura simbólica excêntrica ao sujeito, estrutura que o precede e na qual ele deve ingressar a fim de expressar seus desejos. À letra é dada posição de destaque, já que o significante, com seus efeitos de sentido, não resume a experiência do inconsciente. A letra é apresentada como elemento intermediário entre o que, no inconsciente, apresenta-se como decifrável e a substância do gozo. “Isso é o que ilustra a metáfora da letra, enquanto litoral, domínio que separa e ao mesmo tempo conecta dois territórios heterogêneos” (LACAN, 1971/2001, p. 14).

A partir do que se escreve, podemos determinar o que permanece como impossibilidade de escritura. A letra, diferente do significante — tratável no registro da decifração — faz referência ao que não pode ser lido, à impossibilidade de tudo escrever. Se do significante decorre efeito de sentido, da letra é derivado efeito de gozo, já que ela concerne o objeto que não se traduz em nenhuma inscrição (MANDIL, 1999).

Por sua vez, o inconsciente agora é feito de *alíngua*; a linguagem dos estruturalistas mostra-se como um sistema completo, ao passo em que a *lalíngua* é incompleta e inconsciente, e nos fala da impossibilidade de compreendermos o significante em um conjunto fechado e da existência de um significante integrável ao universo do sistema. “Os efeitos de *lalíngua* ultrapassam amplamente os da linguagem, englobando, também, os efeitos de gozo numa vertente da palavra que não se dirige ao Outro” (MILLER, 1996, p. 64-70).

A AD impõe-se ao estruturalismo, que sufoca o surgimento do sujeito, noção central do campo teórico do discurso. Em 1967, graças a Nicolas Ruwet, que se encantou com os trabalhos considerados revolucionários para a época de Noam Chomsky, o qual se apoiava na noção de natureza humana, aliando os universais linguísticos ao inatismo e operando um profundo corte com os contrastes culturais e sociais.

Foi, então, contra esse cientificismo explícito do modelo chomskiano que se insurgiu a AD. Embora Pêcheux tenha reconhecido o mérito histórico da gramática gerativo-transformacional em ter designado o lugar onde, na língua, o gramatical não cessa de negociar com o não-gramatical, não deixa, por isso, de criticar Chomsky por ter cedido à pressão das línguas lógicas e encobrir suas descobertas no espaço da normalidade biológica.

A AD, fundada por Michel Pêcheux e outros (a partir do final da década de sessenta na França), situa sua reflexão sobre a relação entre a Linguística e a Teoria do Discurso, valendo-se da articulação de três regiões do conhecimento: o materialismo histórico, com base na releitura que Althusser faz dos textos de Marx; a Linguística, como teoria dos

mecanismos sintáticos dos processos de enunciação; e a Teoria do Discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semióticos. Essas teorias são atravessadas por uma teoria psicanalítica da subjetividade, ou, mais especificamente, pela releitura que Lacan faz dos estudos de Freud.

Pêcheux conseguiu mais especificamente no chiste captar quando o inconsciente emerge na linguagem (deixando vestígios), aí se pode perceber o momento em que o deslizamento do significante ocorre, levando a outros pontos, os pontos de deriva do sentido, tornando-se outro significante (o primado da metáfora), e tocando “como pensamento nascente” a forma-sujeito dominante, mas trazendo a possibilidade de outras formas-sujeito, isto é, dando espaço para a mudança.

Do ponto de vista da linguagem, Lacan estabelece uma aproximação entre a metáfora e metonímia (fenômenos linguísticos) e a condensação e deslocamento (fenômenos inconscientes) através do papel do significante, pois através desses mecanismos:

Se produz a ruptura entre o significante e o significado, fazendo com que, pela interposição de um novo significante, o significante original caia na categoria de significado, permanecendo como significante latente” (GARCÍA-ROZA, 2004, p. 189).

Ou seja, esse deslizamento do significante “materializando-se” em diferentes significados vai ao encontro do que Pêcheux fala sobre toda sequência de enunciados ser como “uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação” (PÊCHEUX, 2006, p. 53).

Ainda em Pêcheux, Harris (1952) inicia uma obra com o nome de “*Discourse Analysis*”, que pode ser para alguns o início da Análise do Discurso, tanto de orientação anglo-saxônica como francesa, o que remete inclusive ao nome dos estudos.

Entretanto, a ideia de discurso apresentada por Harris é bem distinta da noção desenvolvida por Pêcheux, por isso apenas alguns linguistas consideram este o início da Análise do Discurso, sendo considerada para Brandão (2002), por exemplo, apenas como uma extensão da linguística

analisando apenas algumas unidades da língua sem considerar a significação e as condições sócio históricas que distinguem e marcam posteriormente a Análise do Discurso.

Portanto, podemos concluir que o caráter fundador atribuído à obra de Harris está situado na área da Análise Textual. Ainda segundo Brandão (1988), o discurso como objeto de investigação na França está fortemente ligada a Pêcheux e aos estudos de Foucault sobre a formação discursiva que para eles partia do pressuposto de que o sentido do discurso não é transparente, pelo contrário, é opaco e por isso “é preciso desconstruir a discursividade para enxergá-lo” (Gregolin, 2001, p.11). Assim, não pode ser confundido com o texto, uma vez que coloca o linguista diante da relação social e histórica o que nem sempre se encontra presente nos textos. Desse modo:

A proposta intelectual em que se situa a AD é marcada pelo fato de que a noção de leitura é posta em suspenso. Tendo como fundamental a questão do sentido, a AD se constitui no espaço em que a Linguística e com as Ciências Sociais. Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na História. (Orlandi, 1999, p. 25)

Com esta definição sobre o discurso, a AD se propõe não a investigar a tessitura das interlocuções espontâneas ou conversas nos textos, vinculada a uma corrente da Pragmática da linguagem denominada de Análise da Conversação, e sim estendendo seu território de atuação para diversos gêneros discursivos, com um novo olhar o qual Pêcheux prefere nomear de Análise de Discurso no lugar de Análise do Discurso.

Sendo seguido por alguns dos estudiosos de grande reconhecimento neste campo, tais como Orlandi (1999), Gadet e Hak, entre outros. Além de incorporar a contribuição de outros autores como, Bakhtin, Ducrot, que caminham com disciplinas corretas e distintas, e trabalhando com evoluções das mais diversas como aponta Maingueneau (1997). Apesar de algumas contraposições ou obstáculos, Pêcheux é quem mais pode contribuir com a Psicanálise.

Ainda em conformidade com Orlandi (2001), a linguagem não transparente, opaca procura enxergar o sentido do outro lado do texto,

atravessando-o. Como seu próprio nome aponta, a AD não explicita a língua, nem a gramática, mas sim, procura descrever e analisar o discurso que em sua etimologia nos remete a concepção de curso, percurso e de deslocamento.

Seguindo esta linha, Maingueneau proferiu em uma de suas aulas na Universidade de São Paulo (apud Guirado, 2000, p. 23) as diferenças entre Análise de Discurso e outros campos de estudos Linguísticos, que também se propões a estudar sobre a produção de sentidos. Para ele, o discurso não é objeto de estudo, mas uma forma de abordagem de um texto oral ou escrito.

Guirado (2000) ainda sublinha: “Não se pode definir Análise de Discurso a partir dos objetos, dizendo, por exemplo, que estuda a conversação e outras disciplinas do discurso científico, pedagógico, literatura, etc.”. Entre análise conversacional e Análise de Discurso não há diferença de objeto; há diferença de pontos de vista. A Análise de Discurso pode perfeitamente estudar uma conversação, mas vai utilizá-la para outro objetivo. Análise de Discurso é uma disciplina que procura pensar a relação entre um lugar social e uma certa organização textual. Digo “lugar social “num sentido amplo: a política, um jornal, uma doutrina, a literatura, um hospital, uma aula, a entrevista entre um psicólogo e um cliente são lugares sociais.

Para sua análise de discurso, Pêcheux (2005) institui seu estudo sobre um tripé: o materialismo histórico e dialético por se tratar de uma teoria de formação das transformações sociais, destacando a teoria da ideologia de Louis Althusser, a linguísticas com os mecanismos sintáticos articuladas à teoria da subjetividade e a teoria do discurso no sentido das determinações históricas nos processos semânticos.

Para Authier-Revuz (1990), o discurso é heterogêneo, pois “sempre sob as palavras, outras palavras são ditas”. Esta estrutura material da língua nos permite através da cadeia discursiva escutar a polifonia não intencional dos discursos. O dialogismo foi incorporado inicialmente às abordagens enunciativas que foram além da visão estruturalista de homogeneidade do sujeito e do enunciado, para investigar os diferentes modos de heterogeneidade enunciativa, e posteriormente à análise do discurso, à semântica discursiva, à linguística textual e da enunciação.

As condições ideológicas de reprodução/transformação das relações de produção se realizam através do processo do Significante na interpelação e na identificação, processo este que abarca o modo em que recalque inconsciente se liga materialmente ao assujeitamento ideológico.

Para adentrar mais profundamente essas relações, é preciso examinar onde e como ideologia e inconsciente se aproximam, em quais territórios se situam, como significam e quais as possibilidades de deslocamentos ou distanciamentos estabelecem entre si. Ao considerar a interpelação ideológica como um ritual com falhas, isto é, com pontos onde há enfraquecimento, brechas e desmantelamento que levam ao lapso, ao equívoco, Pêcheux explicita algo crucial para a compreensão da relação entre a Análise do Discurso e a Psicanálise:

Pêcheux deixa pistas acerca desta proposta ao abordar a revolta no funcionamento da ideologia dominada, pois ela indica os espaços, as brechas possíveis da mudança, sem ser marcada por uma exterioridade que intervém como “tomada da consciência”, tampouco como “etapa teórica” auxiliada pela rememoração do assujeitamento, mas sim como capacidade humana, uma vez que a luta de classes é motor da história e a linguagem sustenta a existência da divisão do sujeito, inscrita no simbólico (PÊCHEUX, Inconsciente e ideologia: contribuições da Análise do Discurso e da Psicanálise para a noção de sujeito, p. 279).

Uma teoria que se refere ao sujeito de base psicanalítica lacaniana, mas articulada com a AD passa a ser então observada por Pêcheux. A AD e a psicanálise dão ao sujeito sua singularidade interpelada pela ideologia, diferentemente da análise de conteúdo de natureza positivista.

A AD se constituiu no espaço de questões criadas pela “relação entre três domínios disciplinares: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise” (ORLANDI, 2010, p.19). Nessa junção, Michel Pêcheux lançava os embasamentos para uma teoria materialista do discurso, ocasionando alterações importantes no campo da linguística. Pêcheux foi influenciado, de modo acentuado, pelo marxismo, e sua teoria se confluía com os episódios políticos que, notadamente, marcavam a sociedade: a luta de classes, a história e os movimentos sociais.

Nessa ocasião, a teoria pecheutiana acarretava semelhanças explícitas com os demandados de Althusser – o que pode ser elucidado pelo fato de Pêcheux ter sido seu aluno – especialmente no que se refere ao assujeitamento radical, ou seja, pelas considerações acerca da interpelação ideológica do indivíduo, na qual ele torna-se sujeito somente após ser interpelado ideologicamente.

No entanto, após uma relativização acerca da interpelação total do sujeito, permitida por uma justaposição de Pêcheux (1988) com as propostas de Foucault, Pêcheux redefine determinados conceitos que se tornam classicista para a AD, a saber, o conceito de Formação Discursiva (FD), a qual será discutida adiante. Para Pêcheux, uma FD, trabalhando no interior de um interdiscurso, limita os dizeres dos sujeitos.

Observamos três momentos da AD e é no primeiro momento que Althusser atribui mais importância para Pêcheux que Lacan, e Foucault (Gadet e Hak, 1993). Pêcheux (1993) denomina a primeira época da análise de discurso de “AD-1”, apontando que ela corresponde à “exploração metodológica da noção de maquinaria discursivo-estrutural”. Período onde o processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e debruçada sobre si mesmo, onde “um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos. Os sujeitos acreditam que ‘utilizam’ seu discurso, quando na verdade são seus ‘servos’ assujeitados, seus suportes” (p. 311). Também a concepção de língua que permeia essa posição teórica é de uma língua natural (no sentido linguístico da expressão), consistindo na “base invariante sobre a qual se desdobra uma multiplicidade heterogênea de processos discursivos justapostos” (p. 311). Resumindo a AD-1 é um procedimento por etapa com ordem fixa e restrita. Como assinala Teixeira (op, cit), apaga o sujeito, privilegia sobremaneira o vocabulário empregado e, “um saber não-linguístico do analista, um saber histórico independente do discurso”. O que se faz levar a análise a se reduzir ao parafraseamento do texto.

Em seguida, a AD-2 Pêcheux nomeia de justaposição dos processos discursivos à temas de seu entrelaçamento desigual, consiste em um novo olhar para as máquinas discursivas estruturais, resultando em um

deslocamento teórico. Estas relações se compreendem como forças desiguais dos processos discursivos, exercendo portanto uma força e influência desigual sobre os outros. O conceito de Formação Discursiva de Michel Foucault aniquila a noção de “maquina estrutural fechada”, pois uma FD não se constitui em um espaço estrutural fechado na medida em que apresenta elementos originários de outras FDs.

Aqui forma-se a noção de interdiscurso usado para nomear o exterior de uma FD, o sujeito é compreendido apenas como puro efeito da maquinaria da FD, com a qual ele se identifica, sendo, portanto, descartado o sujeito da enunciação. Para Teixeira e Courtine (1981) a identidade da FD deve ser entendida como uma realidade heterogênea, assim a FD possibilita que a AD se volte na direção da heterogeneidade discursiva. A última etapa, a AD-3 caracteriza-se pela necessidade de novos procedimentos em função das maquinarias discursivas. Pêcheux não chegou a desenvolver uma análise crítica dessa época, pois ainda se encontrava debruçado nela, apenas levanta alguns elementos referenciais.

Essas colocações o levam a propor que seja repensada a inserção da Psicanálise, levando-se realmente em conta o sujeito do inconsciente. Definir o sujeito como desejante, implica em aceitar a impossibilidade de simetrizarão, dada a ingerência do real como impossibilidade, isto é, com enunciação, à historicidade, cujo impacto no entendimento da noção de sentido em análise de discurso é nuclear. Desta forma, ela apela para abordagens contemporâneas, oriundas da Linguística e da História inspiradas pela Psicanálise.

A saber as abordagens propostas por Claude Milner e Jacqueline Authier-Revuz dentro do campo da Linguística e a abordagem Michel de Certeau em História. Os trabalhos realizados por Jacqueline Authier-Revuz (1982, 1984) nos parecem bastante fecundos ao revelar o lugar do outro na constituição discursiva. Essa autora se ancora nas concepções de Bakhtin, Pêcheux, Marandi e Courtine sobre discurso, pois que essas concepções compreendem esse fenômeno como produto do interdiscurso.

A visão de historicidade adotada é de acontecimentos, no sentido de que o passado não se configura como uma região organizada e imutável, sem sofrer a interferência do presente. Dentro de uma perspectiva semelhante,

destacamos a obra de Leite (op. cit.), que também propõe uma releitura da análise de discurso, baseado em Lacan, mas a partir de uma das últimas obras de Pêcheux: *Discurso: acontecimento ou estrutura?* (1990). Ela apela para o retorno à noção de estrutura e sujeito (não-sujeito) na concepção da Psicanálise, uma estrutura comporta o furo, propondo o discurso como acontecimento na estrutura.

Como ela mesma declara: Central para a discussão que pretendemos empreender, a noção de estrutura assume o estatuto de eixo diretor no desenvolvimento do trabalho, uma vez que a partir de uma leitura específica do último texto do autor, nomeadamente *Discurso: acontecimento ou estrutura?*

Neste sentido, Guirado (2000, p.11), partindo de uma compreensão institucional da clínica, pontua que a aproximação da psicanálise com a AD poderia influenciar o trabalho clínico de três maneiras: No plano da compreensão das terapias ou análises como práticas discursivas em si, ou melhor, como algo que acontece em íntima relação com o contexto, como um conjunto de relações funda as falas, eliminando em grande e sigiloso estilo as surpresas do processo. Isto não quer dizer que nada mude ou tenha resultados. Mas, sim, que os efeitos, os movimentos de uma sessão ou de um processo como um todo, não se fazem fora dos discursos ou dos gêneros discursivos que atravessam uma análise:

Influencia, ainda, no plano de conceitos como o de discurso, enunciação, cena discursiva, favorecendo uma compreensão diferente da habitual sobre o que é o ato analítico e implicando-nos nele, na qualidade de analistas, para além do que dão conta dos conceitos de transferência e contratransferência... .. influencia, por fim, ao discutir a questão da não transparência do discurso, bem como da sua heterogeneidade [...]. Nós, os psicanalistas, estamos familiarizados com a ideia de que o que se fala aos ouvidos da consciência e da convivência social não é toda verdade do que se diz. (GUIRADO, 2000, p.11).

Este fato parece trazer à tona a dificuldade da interdisciplinaridade. Antes de tudo, pelos obstáculos epistemológicos, já que o domínio do outro campo de estudos é uma condição necessária; caso contrário, corremos o risco de reduzi-lo ao nosso campo ou vice-versa. Além disso, existem os obstáculos advindos da ciência como uma construção social como já mostrou Kuhn em

seu famoso livro *A estrutura das revoluções científicas* (1979), que se realiza a partir da organização da comunidade científica em grupos, concorrendo muitas vezes, para a legitimação de certas posições, em detrimento de outras. No sentido das relações que normalmente se institui entre saber e poder (FOUCAULT, 2000).

Desse modo, somos levados a afirmar que, malgrado a interdisciplinaridade científica ser identificada como uma condição necessária para o desenvolvimento das ciências humanas, não corresponde efetivamente a prática dominante, sobretudo, se levarmos em conta a sua característica central: a não-redução de um campo ao outro. Esse risco não pode ser negligenciado, incidir nele pode significar uma descaracterização de um dos campos e, logo, a uma interlocução no mínimo estéril, posto que é falsa.

Uma integração requer atributos de ordem externa, melhor dizendo da ordem das condições existentes e possíveis, diferindo de uma integração interna ou interação, da ordem das finalidades e sobretudo entre os saberes.

1.2.1 Categorias teóricas da AD

1.2.2 Discurso

Com o surgimento das ciências Humanas no século XVII, uma série de dados começa a ser interpretados, a princípio, de forma padronizada, utilizando o paradigma positivista através de categorias fixas e rígidas (cf. Pêcheux 1969). Para a linguística, a influência de Saussure foi uma das mais relevantes, já a teoria do discurso e da formação discursiva de Foucault (1996) permitem à AD formular o seu objeto de estudo que é o discurso.

Segundo Brandão (2004), em sua contribuição dada por Foucault, discurso são como um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva, um conjunto de enunciados que tem seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva. E a noção de enunciado em Foucault é contraposta à noção de proposição e de frase, concebendo-o como a unidade elementar, básica que forma o discurso. O

discurso seria concebido, dessa forma, como uma família de enunciados pertencentes a uma mesma formação discursiva. (BRANDÃO, 2004, p.33).

Uma FD sofre implicações das Formações Ideológicas em que se está inserida, segundo Mussalim (2003), a heterogeneidade constitutiva do discurso o impede de ocupar um lugar estável, fechado e homogêneo, Mussalim utiliza o conceito dado por Haroche e Pêcheux citado na obra de Brandão para explicar o que é formação ideológica:

Cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas com as outras (BRANDÃO, 2004, p. 47).

Além da formação do histórica como conjunção do ideológico e do inconsciente ganha destaque uma outra para se compreender melhor a natureza do discurso: é a distinção-passagem entre ordem do discurso e ordem da língua. Courtine (1981) diz que a especificidade do discurso consiste em sua materialidade, definida como uma relação determinada entre língua e ideologia:

O discurso materializa o contato entre o ideológico e linguístico: por um lado, representa, no interior da língua, os efeitos das contradições ideológicas e, inversamente, manifesta a existência da materialidade linguística no interior do ideológico (COURTINE, 1981, p 78).

Por outro lado, para Lacan, o vocábulo “discurso” era pouco convencional e não necessariamente ligado ao contexto, mas sim uma estrutura que “pode muito bem subsistir sem palavras” (LACAN, 1991, p.11). Mais precisamente, “essa noção de discurso deve ser tomada como laço social, fundado sobre a linguagem” (LACAN, 1975, p.21), que afirma: “me considerei como tendo sido convocado” para dela [psicanálise] participar, em função do anúncio do filósofo sugerindo que aludiria ao “retorno a Freud” promovido pelo psicanalista. Para Lacan (1991), o discurso era representado por um matema-neologismo cunhado em alusão aos Matemas de Lévi-Strauss (1958, p.233) que continha quatro elementos; o significante-mestre (S1), o saber (S2), o sujeito barrado ou dividido (\$), e o objeto (causa do desejo).

A psicanálise lacaniana trabalha com o real da língua (aquilo que escapa à língua, denominado de *lalangue*, e que se revela nas falhas); a AD alia este conceito ao real da história, representada pela luta de classes por Pêcheux (1981). Juntos esses teóricos trabalham com o sentido do objeto de estudo da AD que é o discurso, assim como para a psicanálise. Essa junção trouxe a possibilidade de interpretação de dados, o retorno ao sujeito que produz discurso e interpreta o mundo.

Para Mussalim (2003), Lacan faz uma releitura de Freud retornando ao estruturalismo de Saussure e Jakobson, abordando com mais precisão o inconsciente. Em sua visão o inconsciente se estrutura na linguagem, como uma cadeia de significantes, sendo o discurso atravessado pelo discurso do Outro e do inconsciente. O estudo do discurso para a AD, como nos mostra Mussalim, inscreve-se num terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito.

Na construção de um discurso são empregados muitos outros elementos que devem ser levados em consideração e analisados com mais precisão e cautela, pois, se um processo discursivo é a produção de sentidos, discurso passa a ser o espaço em que emergem as significações (BRANDÃO, 2004, p.42).

A partir dessas concepções, faz-se necessário uma retomada ao conceito de sujeito dentro do quadro teórico escolhido.

1.2.3 Sujeito

Ao delinear o campo de constituição da Análise do Discurso de matriz francesa, faz-se importante o conhecimento de alguns conceitos sobre o sujeito. Falarmos de sujeito discursivo é anunciar topologicamente o lugar de onde conceituamos à medida que se difere radicalmente de outros sujeitos de outros discursos teóricos.

Courtine (1981), no entanto, não trata o sujeito em termos de "sujeito universal do discurso", mas de diferentes posições do sujeito, ou seja, as modalidades da relação do sujeito universal (sujeito do saber próprio a uma

FD) com o sujeito da enunciação, do sujeito do enunciado com o sujeito da formulação. Assim, o sujeito é concebido como um efeito do processo sem sujeito (uma "ilusão" necessária ao acontecimento discursivo), podendo, no interior do discurso, ocupar diferentes posições ou funções discursivas

Segundo Orlandi (2005, p.50), “[...]o sujeito gramatical cria um ideal de completude, participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz”. Dessa forma, ele enuncia na ilusão de escolher e definir o que diz, de controlar os sentidos, mas não sabe que, antes, ele é determinado tanto por seu lugar subjetivo possível naquele determinado momento de sua enunciação quanto por sua exterioridade, pela história que o atravessa, o que faz com que ele só tenha acesso a parte do que diz.

Authier-Revuz (1984) trata do dialogismo bakhtiniano e a noção do interdiscurso, a ruptura da Psicanálise em acreditar em um sujeito dono de seu dizer. O “tripé teórico” em que Authier-Revuz (2004) se assenta para identificar, inventariar, classificar e descrever as formas de heterogeneidade mostrada no dialogismo do círculo de Bakhtin; na psicanálise lacaniana, na releitura que Lacan faz dos estudos de Freud, que destitui a ideia de um sujeito centro do dizer; e a noção de interdiscurso de Pêcheux, que corrobora a discussão da representação de um imaginário sobre a linguagem posto em circulação pelo locutor.

A ideia de sujeito dividido, inconsciente, problematizada por Freud e retomada por Lacan, a questão de interesse da Authier-Revuz (2004) para descrição dos pontos de heterogeneidade que inscrevem o outro no discurso. Pois, o discurso e sujeito são constitutivamente heterogêneos, tal que, na complexidade enunciativa, é possível detectar diferentes formas pelas quais o sujeito se representa como centro da (sua) enunciação, levando-se em consideração que ele também é parte dessa representação (AUTHIER-REVUZ, 2004).

Para Pêcheux (2001), a língua deve ser reconhecida não porque tem uma função e sim porque é um objeto montado para o funcionamento. Assim, o objeto de estudo da AD cruza a via do acontecimento e da estrutura entre descrição e interpretação. O sujeito, para Pêcheux (2001), se constitui não importando aquilo que o determina, pois a interpelação do indivíduo se efetua

pela identificação com a formação discursiva que o domina. Os elementos do interdiscurso constituem o discurso e o determinam, sendo assim uma unidade imaginária do sujeito.

Levando em conta as materialidades do discurso e do sentido, os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes, ou seja, sujeitos do seu discurso falante e das formas discursivas que o representam na linguagem e nas formações ideológicas, conseqüentemente. A teoria de Pêcheux (2001) apresenta o sujeito da linguagem e sujeito da ideologia, criando uma mediação entre esses sujeitos.

A contraditoriedade na noção de sujeito, marca da AD, comentada por Orlandi (1987:218): diz ela que os processos discursivos não têm sua origem no sujeito, embora se realizem necessariamente nele. Isso se processa através dos "esquecimentos n1 1 e n1 2", constitutivos do sujeito necessários à discursividade, segundo Pêcheux & Fuchs (1975):

É este fato de toda sequência pertencer necessariamente a uma formação discursiva para que seja "dotada de sentido" que se acha recalcado para o (ou pelo?) sujeito e recoberto para este último, pela ilusão de estar na fonte do sentido sob a forma da retomada pelo sujeito de um sentido universal preexistente (isto explica, particularmente, o eterno par individualidade/universalidade, característico da ilusão discursiva do sujeito)." (Apud GADET & HAK,1993, p. 169).

Segundo Pêcheux (1988 [1975], p.163), "o sujeito se constitui pelo 'esquecimento' daquilo que o determina", e esquecimento, aqui, vai no sentido do acobertamento daquilo que o causa no próprio interior de seu efeito, e não no sentido de algo que se tenha sabido um dia e tenha-se esquecido. Para o fundador da AD, sujeito é constituído de dois esquecimentos, o primeiro, centra-se no fato de que o sujeito-falante não pode, por definição estar no exterior da formação discursiva que o domina, não tem como ser a fonte do seu dizer, apesar de precisar dessa ilusão para enunciar.

Já o segundo esquecimento, é aquele que promove a ilusão de que o sujeito consegue escolher as palavras mais adequadas para se expressar, imprimir liberdade de sentidos aos enunciados e controlá-los. Entretanto, os

significados não são colados às coisas, pelo contrário, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam.

1.2.4 Memória

O conceito de memória foi criado por J.J Courtine (1981) e estabelece parâmetros espaciais, temporais e epistemológicos acerca do trabalho de Pêcheux, posto que a memória discursiva vem diretamente dos lugares da memória segundo P. Nora (1989). Tal conceito diz respeito a recorrência de enunciados, separando e elegendo aquilo que, de fato, está em uma contingência histórica específica e que pode surgir ou ser rejeitado sob novos sentidos no discurso. A esse respeito Melo (1999:100) comenta: “A noção de memória discursiva exerce, portanto, uma função ambígua no discurso, na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com os apagamentos que opera”. Por memória discursiva se entende, segundo Ferreira (2001:20):

A memória discursiva faz parte de um processo histórico resultante de uma disputa de interpretações para os acontecimentos presentes ou já ocorridos (Mariani, 1996). Coutine e Haroche (1994) afirmam que a linguagem e os processos discursivos são responsáveis por fazer emergir o que em uma memória coletiva, é característico de um determinado processo histórico. Orlandi (1993) diz que o sujeito toma como suas as palavras de uma voz anônima que se produz no interdiscurso, apropriando-se da memória que se manifestará de diferentes formas em discursos distintos. (ORLANDI 1993, p. 37)

É na memória discursiva que nasce uma nova possibilidade de formação discursiva produzindo e operando formulação anteriores que já foram enunciadas. É portanto, a memória discursiva que permite uma infinita rede de formulações existentes no intradiscurso, o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados que formam novos posicionamentos históricos.

Dessa forma os sentidos se inscrevem na língua e na história, ou seja, cria-se um pertencimento a uma dada formação discursiva historicamente constituída e não pela vontade do enunciadador. Os sujeitos, os sentidos e os

discursos nunca estão prontos, os discursos dentro deste mecanismo (a memória) estão sempre em formações imaginárias, o que permite a passagem de situações empíricas para as posições ocupadas pelos sujeitos no discurso.

A memória discursiva é um conceito que propõe ao mesmo tempo um desenvolvimento e um aprofundamento, integrando a análise do discurso a história, a noção de “domínio da memória” vinda de M. Foucault permite proceder.

O mecanismo que regula a argumentação presente nos discursos, quando procedemos à análise a partir dos postulados da memória discursiva, nos remete a compreensão de que os sentidos são escolhidos e presumidos por antecipação de interpretação, são produzidos por relações parafrásticas e disponibilizados para discursos futuros. Uma arqueologia dos discursos e de remontar às formulações origens.

A memória no discurso tem efeito estritamente ligada às condições sócio-históricas e cognitivas de produção dos discursos, trata-se de uma memória coletiva, que se organiza segundo os quadros sociais e sob os quais circula e constitui, ao mesmo tempo, a identidade individual dos locutores.

O interesse desse conceito para a AD é o de sua dimensão construtiva. Com efeito, para M. Halbwachs (1992), a memória coletiva reconstrói o passado, com vistas a organizar o presente, e não se contenta com uma simples e idêntica restituição. Portanto, presentes em cada discurso, há alguns elementos que não podem surgir na superfície discursiva, tão somente porque e eles aparecerem representar um perigo real e um considerável desequilíbrio para o discurso em questão.

1.2.5 Formação Discursiva

O analista do discurso não é uma pessoa neutra, seu percurso é, em certas instâncias, um mergulho pela história teórico-metodológico acerca de noções da Análise do Discurso (AD) que narram representações axiológicas de suas leituras, pesquisas e escolhas.

Um dos primeiros conceitos a serem discutidos por quem se propõe a mergulhar na AD é o de discurso. É nesse sentido que se propõe a visão de

Maldidier para quem “o conceito de discurso é formado a partir de uma reflexão crítica sobre o corte fundador operado por Saussure e não sobre sua superação; o discurso reformula a fala, esse “resíduo filosófico”, cujas implicações subjetivas devem ser eliminadas” (MALDIDIER, 2011, p. 44).

Em Pêcheux (1969), o discurso é uma noção fundadora e fundamentalmente com e contra Saussure, pois ele não invoca a superação da dicotomia língua/fala. Com Saussure, na medida em que o discurso como objeto pode emergir, uma vez que as línguas funcionam em relação a elas mesmas, e contra, quando o *Curso Linguística Geral* apresenta seu corte que a instaura na língua. Pêcheux (1969) apresenta esse efeito de “recobrimento” na distinção entre a significação (na fala) e o valor (na língua).

Assim, haveria a necessidade de uma subordinação da significação (individual) ao valor (sistemático) que o *Curso de Linguística Geral* possibilitaria em uma semântica discursiva ancorada em um sistema linguístico sobre a história e livre do pressuposto de um sujeito individual e psicológico. Pêcheux (1975), ao enunciar o conceito de que a língua opõe-se à noção de fala, sendo portanto, uma maneira única pela qual cada “sujeito falante” manifesta sua liberdade, dizendo que uma “uma fala” jamais será ouvida duas vezes, assim essa dupla ideologia “liberdade/sistema” que recobre o termo “fala”.

Na instauração do discurso, há uma atualização do funcionamento das significações que seguem as condições sócio-históricas constitutivas das próprias significações, conforme suas condições de produção a partir da “dupla ideológica”, surgindo, então, a necessidade de uma teoria do discurso. Para Saussure, a língua é constituída como um sistema e possui um estatuto de objetos linguísticos que executa a fala sendo em um primeiro momento sistêmica e em seguida concreta, variável com cada falante e, por isso, subjetiva.

Esse conceito introduzido por Saussure consiste em separar a homogeneidade entre a prática e a teoria da linguagem, pois a língua vista como um sistema passa a ser compreendida como um forma de exprimir sentido, uma forma pela qual uma ciência pode descrever algo. Pêcheux (2001) concebe o discurso entre a linguagem e a ideologia, pois, segundo ele, a oposição língua/fala não poderia se ocupar da problemática do discurso.

Entre as várias noções constituintes da Análise do Discurso, está a de Formação Discursiva, derivado da obra de Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber* (1969). Para Foucault (1969), a definição de uma formação discursiva não é a unidade que existe entre os enunciados, e sim, um sistema de dispersão que viabiliza a identificação de regularidades.

Descrever enunciados de um discurso consiste em dar conta de certas especificidades inerentes à formação discursiva dentro de uma organização a qual não se confundirá com uma grande unidade e, sim, que precisará ser demarcada. Portanto, a análise do enunciado e a formação discursiva são estabelecidas consecutivamente às leis dos enunciados e aos fatos a que pertencem constituindo uma única e mesma coisa (FOUCAULT, 2013, p. 43). Por formação discursiva ou sistema de formação, ele compreende:

Um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática (FOUCAULT, 2013, p. 86).

A formação discursiva trata de descrever a verdade ou o sentido dos discursos construído em sua própria história, uma produção visível das coisas ditas, levando-se em conta a inseparabilidade entre vida e pensamento, entre práticas institucionais e “enunciados-verdades” e qualquer força promotora de discurso. Trata-se da relação entre continuidade e descontinuidade histórica e social, agindo como orientação para a análise dos discursos no que diz respeito às linearidades, reforços e reafirmações de um certo campo do saber.

Para Pêcheux (2010), a ideologia não existe por si só, mas precisa materializar-se no nível das relações sociais, mais precisamente pelas condições de produção e de exposição aos sujeitos e em suas diferentes formas de se apresentar, como no meio midiático, na literatura e em outros.

Essas produções são frutos do funcionamento dos discursos e estes não são redutíveis às ideologias, assim como as ideologias não são passíveis de serem superpostas aos discursos. Indica-se que as formações discursivas constituem “um componente das formações ideológicas, ou melhor, que as

formações ideológicas governam as formações discursivas” (cf. ROBIN, 1977, p. 116), de maneira que cada formação ideológica constitui um conjunto complexo que comporta atitudes e representações que não são nem “individuais” nem “universais”, “mas que se referem mais ou menos diretamente a “posições de classe” em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX, 2011 [1971], p.73; aspas do autor).

O discurso é um dos modos materializadores de ideologia, uma espécie de prática natural da ideologia. Portanto, os discursos são orientados por formações ideológicas específicas que recobrem a relação de classe e poder que determinam o que pode ser dito seja sob a forma de um pronunciamento, de um sermão, de um panfleto, etc. A partir de uma dada posição, caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as suas condições de produção, e sua relação com a formação ideológica, podemos perceber como se faz a relação das marcas formais com o ideológico (ORLANDI, 2011, p. 132).

Então, “em um discurso não só se representam os interlocutores, mas também a relação que eles mantêm com a formação ideológica. E isto está marcado no e pelo funcionamento discursivo”. Em outras palavras, é no interior do funcionamento discursivo no qual ocorre a imbricação de formação ideológica e FD, que, por sua vez, concebe-se a produção de efeito de sentidos. O sentido não nasce da vontade repentina de um sujeito enunciador. O discurso tem uma memória, ou seja, ele nasce de um trabalho sobre outros discursos que ele repete, ou modifica. Essa repetição ou modificação não é necessariamente intencional, consciente nem imediata. Ao contrário, pode ser oculta ao sujeito enunciador (MITTMANN, 1999, p. 272).

Pêcheux e Fuchs (2010 [1975], p. 177) questionam e problematizam o uso da FD na Análise do Discurso que, muitas vezes, deriva-se para ideia de uma máquina discursiva de assujeitamento posta à repetição produzindo uma interpretação antecipada a um determinado corpus discursivo.

Segundo Maldidier (2010), a noção de formação discursiva praticamente desaparece nos últimos escritos de Pêcheux, mantendo-se somente o conceito nuclear do interdiscurso. O conceito de FD é produtivo se olharmos uma formação discursiva a partir de seu interdiscurso, e não o contrário. Muitos

analistas do discurso, tais como Maingueneau (1997) e Orlandi (2007; 2011; 2012) dão emprego pertinente à noção de FD ao estabelecerem uma vinculação entre formação discursiva e o interdiscurso. Dito isso, nos valem das palavras de Orlandi para explicar essa relação:

As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes. O dizível (o interdiscurso) se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas) desigualmente acessíveis aos diferentes locutores (ORLANDI, 2007, p. 20-21).

Portanto, mesmo que existam duelos entre esses teóricos temos, incontrolavelmente, diálogos dos quais a Análise do Discurso não pode se desvincular, nem tampouco seus conceitos.

1.2.6 Interdiscurso

O interdiscurso apresenta-se sob as mais diversas formas, polifonia, heterogeneidade, intertextualidade, cada uma dessas características com algum viés específico, conforme diz Possenti (2003). Há algum tempo Fiorin (1994) propôs que se distinguisse intertextualidade de interdiscursividade (POSSENTI, 2003).

O verbete “interdiscurso” é apresentado em um sentido restrito como um conjunto de discursos do mesmo campo que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros. Uma das teses de Pêcheux (1975, p. 162) é que *...toda formação discursiva dissimula, pela transparência de sentido que nela se constitui, sua dependência com relação ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas...* o que mais importa para FD em relação à esta afirmação é a dependência da FD e a insistência em dizer que a FD depende dele.

O interdiscurso definido por Pêcheux (1975), trata da noção de universo de discurso, o conceito teoriza o “fato” de que um discurso não nasce de um retorno às próprias coisas, mas um trabalho sobre outros discursos (Maingueneau, 1987, p. 120). Uma outra questão apresentada na tese de

Pêcheux (1975), é o interdiscurso que assujeita e que dispõe de materiais para uma FD. Essa concepção é o correlato da noção de ideologia em geral.

Neste sentido, o interdiscurso é fruto da presença de diferentes discursos, provenientes de diferentes momentos históricos e lugares sociais, que se entrecruzam no interior de uma formação discursiva, assim, os enunciados se constituem como elementos fundamentais para a composição do corpus em AD, sendo, portanto, todo o enunciado heterogêneo e carregado de um conhecimento linguístico, histórico, social e ideológico.

Em Courtine (1981), o interdiscurso é o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante que produz uma sequência discursiva dominada por uma FD determinada, os objetos de que esse sujeito enunciator se apropria para fazer deles objetos pelos quais o sujeito enunciator vai dar coerência a seu propósito (COURTINE, 1981, p.35).

Com esses conceitos um pouco mais claros, passemos a visão da Psicanálise quanto a essas categorias.

Capítulo 2

1 Psicanálise Lacaniana

Para Lacan (1999), a teoria saussuriana era verificada estabelecendo uma relação entre os conceitos de “fala” e de “linguagem”. Essa apropriação da teoria de Saussure e o estudo da linguagem se dividia entre o estudo da língua e o estudo da fala, sendo do linguista o objeto de excelência para estudo. A língua para Saussure (1978) é definida como uma ação social em sua essência e independente do indivíduo.

A língua não é um fenômeno individual, pois não está completa em nenhum falante, ela só se apresenta na coletividade, na junção de todos os indivíduos. Seu registro é feito de forma passiva e não consciente uma vez que o indivíduo não se dá conta de como adquirir a língua e por sua vez como ela se estrutura como sistema. O indivíduo apenas se vale da língua e precisa dela para se comunicar em um sistema linguístico compartilhado.

Lacan lançou mão da divisão entre “língua” e “fala” proposta por Saussure, o que pode ser verificado no caráter “concreto” que o conceito de “fala” adquire no contexto da teoria psicanalítica. Nas palavras de Lacan: “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe apenas um meio: a fala do paciente” (1956 [1953] /1998, p.248).

Lacan adota o modelo da linguística estrutural por este possibilitar o estudo científico do estudo da linguagem. Ele também atribui a Saussure a constituição do “algoritmo” fundador da disciplina linguística S/s (significante sobre significado). O significante e o significado são conceituados como ordens distintas e separadas por uma barreira que resiste à significação. Lacan considera a interpretação conforme as ligações que fazemos com cada processo de ligação entre os significantes e significado, sendo o signo sozinho, insuficiente para o este processo de interpretação na experiência psicanalítica.

Ao invés do modelo usado por Saussure onde a significação era feita pela correspondência entre um significante (som) e significado (pensamento), Lacan argumenta que a significação está atrelada à cadeia de significante

(sequência de significantes) vista como um todo. A ideia de que a significação só pode ser construída após a revelação de todos os significantes e não par a par, ocorre por meio de um deslizamento de sentido através desta extensão da cadeia de significantes. Sendo assim, o significado só ocorre após a explicitação de todos os significados só pode ser construído após todos os significantes serem expressos.

Lacan reformula os conceitos de “inconsciente” e de “sujeito” a partir do algoritmo S/s e pelas fórmulas da metáfora e da metonímia. Quanto ao sujeito, importa saber que só se pode concebê-lo numa lógica significante, por não estar no campo da representação, do significado, conforme a tradição psicológica vinha há tempos relacionando. Vale lembrar que, para Lacan, há uma diferença radical entre o conceito de sujeito e a noção psicológica de subjetividade — como sendo o conjunto de representações, valores e crenças do indivíduo.

Na Psicanálise, é possível até mesmo dispensar a Linguística como sistema teórico e científico, porém a linguagem está solidificada na prática analítica, o referencial onde é situado o inconsciente é precisamente aquele onde escapa à Linguística: a relação com o real e o fora de sentido. Entende-se, portanto, que a linguagem não pode ser dispensada pela Psicanálise e também não é um objeto de estudo único dos linguistas, assim, um ponto de contato com o Lacan do Seminário 20, que profere que seu dizer de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Na segunda aula, “A Jakobson”, Lacan apontará justamente uma nova noção de significante que inclui a substância gozante. Para tanto, Lacan necessitará falar de seus antecedentes, Jakobson e Saussure. Afirma que no fato de o inconsciente ser estruturado como uma linguagem já não se trata do campo da linguística. Isso implica uma ruptura de Lacan com a noção de significante da linguística estrutural, haja vista que nesse campo o significante exclui o real. É a crítica de Lacan a Saussure do *Curso de Linguística Geral*, pois o mesmo funda a linguística no campo da ciência excluindo, necessariamente, o real. Para introduzir o real no significante Lacan remonta uma tradição estoica que reflete Santo Agostinho, em que o significante deve ser estruturado em termos topológicos: “[...] o significante é primeiro aquilo que tem efeito de significado, e

importa não elidir que, entre dois, há algo de barrado a atravessar”¹⁰. Mas o que se trata de atravessar? Trata-se de um atravessamento para fora da linguagem.

A Linguística e a Psicanálise assim convergem para um ponto: ambas são metáforas que se fabricam e são feitas para não funcionar. Ao inverter a relação de Saussure (2006) e colocar o significante em uma posição privilegiada em relação ao significado, Lacan (1998) ressalta que, no inconsciente, as representações têm sempre de ser tomadas como significantes. Uma palavra em si não tem sentido algum, sem um sujeito que se responsabilize e responda por ela, de acordo com a representação que tal palavra tem para si em sua história particular.

Em plena aurora do século XX, a psicanálise atinge seu primeiro centenário de existência, criada por Sigmund Freud, e obtém, ao longo de sua existência, uma enorme difusão, revelando-se, até mesmo, incongruente com o pensamento de seu fundador em algumas vezes. Mesmo com Freud vivo, ocorreram alguns desvios teóricos e práticos em relação às suas premissas básicas. Algumas descaracterizaram de tal modo sua teoria, o que o levou a promover cisões no seio do movimento psicanalítico, demonstrado por ele mesmo em “A história do movimento psicanalítico” (1914).

Lacan, na década de 50 e nos próximos trinta anos seguintes, pode evidenciar que os fatores mais relevantes do pensamento Freudiano seria a medicalização e a psicologização da teoria e da prática psicanalítica. No último seminário que proferiu em Caracas (1980), Lacan ressalta a genuinidade de seu próprio percurso: “venho aqui antes de lançar minha causa freudiana. Vocês veem que me apego a este adjetivo” (LACAN, 1945, p.145) explica o famoso lema inaugural de “retorno a Freud”, como a releitura de sua obra e também pela própria instituição que fundou em 1964, após ser expulso da IPA, - *International Psychoanalytical Association* a Escola Freudiana de Paris. Seu objetivo maior era o de reabrir a via radical de um pensamento inovador, pois como ser lacaniano senão sendo, antes de mais nada, freudiano.

Lacan traz novamente a originalidade do pensamento freudiano, e compreende a partir daí que os psicanalistas passam a poder denunciar o reducionismo a que tinha sido levada a psicanálise nos manuais,

principalmente os usados na formação psicanalítica. A questão fundamental, posta por Lacan (1980) é – como transmitir a psicanálise?

Ele elaborou uma série de matemas da psicanálise, que para ele eram fórmulas mínimas passíveis de agregar a maior gama de achados da experiência psicanalítica. Os matemas de Lacan representam a inclusão no quando teórico do elemento mais limítrofe à conceituação e, entretanto, o maior núcleo: o real. Nesse sentido, é necessário sublinhar que, tendo inventado o “que se escreve como real”, para Lacan (1955) “nenhuma práxis, mais do que a análise é orientada para aquilo que, no âmago é o núcleo do real”.

2.1 Categorias teóricas da Psicanálise

2.1.2 Discurso

Apesar de uma evidente relação com a linguagem, partindo de sua fundação com Sigmund Freud e em seguida com já com traços mais bem definidos com Lacan, ainda percebemos que as interlocuções entre linguística e psicanálise ainda estão longe de serem suficientes. O discurso do outro é uma cadeia de elementos que se apresentam no discurso a fim de serem reconhecidos, podendo até mesmo constituir um sintoma levado para uma análise, representado por uma linguagem de acordo com Lacan (1985).

Apesar dessa constatação, há um grande número de linguistas que se esforçam para promoverem reflexões no campo da linguagem levando em consideração posicionamentos da Psicanálise. Podemos citar como exemplo Cláudia Lemos, Eduardo Guimarães, Eni Orlandi, influenciados pelo movimento francês de aproximação dessas duas disciplinas, apresentado por Michel Pêcheux, no campo da análise de discurso, e representado na contemporaneidade por Michel Arrivé, Jacqueline Revuz-Authier, Laurent Danon-Boileu, Jean-Claude Milner, entre outros.

Existe, portanto, um movimento com a proposição de que a relação entre Linguística e Psicanálise seja um estudo que traz informações às duas áreas. Para Leite (1994), Lacan se recusa a pensar a Linguagem como um objeto exclusivo da Linguística, já que o discurso inconsciente engendra

deslocamentos. Desse modo, ele afirma que, já na obra de Freud, há a existência de uma teoria da linguagem forjada a partir do conceito de inconsciente.

Em entrevista a Caruso, Lacan (1955) argumenta que Freud sempre fez uma análise do tipo linguístico em suas análises do inconsciente, e por não conhecer a Linguística, que nasceria um pouco mais tarde, que a Psicanálise não podia saber que a fazia.

Diferente dos linguistas que hoje podem perceber e compreender como a linguística aparece em obras psicanalíticas, Saussure iniciou a sua obra pouco depois de Freud em a *Interpretação dos sonhos*, que o escreveu como se tivesse escrito um verdadeiro tratado de linguística. Esta é a distância entre Freud e os linguistas.

A partir desse posicionamento, podemos observar a contribuição da Psicanálise para Linguística já com a concepção de língua que marca a impossibilidade de sua completude, do poder do “Todo” na língua com o conceito de *Lalangue* se caracteriza por ser um “saber anterior à fala” (Moraes, 1999, p. 83), instaurado antes mesmo da instituição do significante-mestre. Ela “guarda os efeitos dos afetos” (idem, *ibidem*) e denota “a maneira de inscrição, no sujeito, da sincronia primitiva dos elementos de linguagem, que vai escrever a língua [ou as línguas] para esse sujeito” (idem, *ibidem*). Compartilhando as palavras de Greco (2005), *lalangue* (MILNER, 1987). A concepção pragmática aponta para a incompletude da língua ao considerar que o sentido do enunciado depende de fatores contextuais e extralinguísticos, como observa Freud (1991) “para além da língua”. Termo utilizado pela primeira vez por Jacques Lacan na lição de 04 de novembro de 1971, em seu seminário *Le Savoir du Psychanalyste* ([1971-1972] Inédito), e atribuído a um lapso, *lalangue*, enquanto designação do “que há (...) falta na língua” (COSTA-MOURA, 2005, 492), em qualquer língua, destaca o inconsciente em sua multiplicidade e no que este é estruturado como uma linguagem: “Esse dizer provém apenas do fato de que o inconsciente, por ser ‘estruturado como uma linguagem’, isto é, como a *lalíngua* que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas [as línguas] se distingue” (Lacan, [1957] 2003, p. 492,

Portanto ao contemplamos tanto as dimensões denotativas como conotativas da língua, trazendo à tona a polissemia da palavra, provocando contínuos deslizamentos de sentidos. A ideia da incompletude apenas paira sobre a concepção da linguagem, pois as pistas contextuais tendem a preencher essa falta, pelo fato de que o sujeito que atravessa a AD e seus estudiosos seja notoriamente distante do sujeito do inconsciente da Psicanálise que é marcado também pela incompletude e pelo desconhecimento.

Este, por sua vez, consiste numa ignorância, ele não é passivo, pelo contrário, esse desconhecimento vem da própria atividade do sujeito. Essa concepção de sujeito da psicanálise é introduzida na Linguística a partir da Escola Francesa de Análise do Discurso, inaugurada por Pêcheux na França. Esse autor traça um caminho inverso ao de Lacan, que se aproximou da Linguística como apoio para seus estudos em Psicanálise.

A Análise do Discurso como disciplina da Linguística convoca a Psicanálise como uma das disciplinas constituintes à interdisciplinaridade como destino dos estudos relativos à linguagem, e mais particularmente ao discurso. Desde então, esse campo de estudo passou a figurar entre os pilares que sustentam e fomentam a interlocução entre as duas práticas (Psicanálise e AD).

A Psicanálise se apresenta através de uma concepção de sujeito elaborada por Lacan, e é responsável pela articulação das proposições citadas anteriormente. Porém, como mostra Teixeira (2001), cria-se aí um impasse teórico, já que o conceito de forma-sujeito presente na Teoria da ideologia de Althusser não é compatível na articulação do sujeito inconsciente da Psicanálise. Ou seja, o Outro lacaniano apresenta um conceito diferente da dinâmica pulsional da concepção psicanalítica. Pois ele próprio durante a tessitura da AD vai se distanciando da teoria da ideologia e se aproximando do sujeito do desejo da Psicanálise.

2.1.3 O sujeito para Freud

Como ponto de partida é imprescindível esclarecer que não é possível adentrar na categoria de “sujeito” sem que seja pela linguagem, que ocupa o principal lugar nos domínios da psicanálise e desfruta também de um lugar especial no território do discurso. A inferência inicial é de que o sujeito não está dado, nem tampouco nasce ou se desenvolve, mas é construído. E para explicar o modo pelo qual o sujeito se constrói, é preciso trazê-lo para o campo do qual ele é efeito, isto é, o campo da linguagem.

Para tratar da categoria do sujeito, é preciso transitar pelos campos da linguagem e da ideologia, que se encontram entrelaçados. Esse ponto de entrelaçamento que forma nós comuns que se sustentam uns aos outros marca o terreno próprio da análise de discurso nos moldes em que foi concebida por filósofos, psicanalistas e linguistas.

Essa falta que o sujeito ocupa como um lugar possível dentro do desejo e da ideologia na análise do discurso. É portanto um paradoxo para a Análise do Discurso e para Psicanálise esse ponto de interseção já que a falta é algo que nos completa pela sua ausência, é “a presença na ausência”, a que faz referência Lacan.

Assim, podemos dizer que se o sujeito fosse pleno, se não houvesse falta, se a língua fosse estável e fechada, se o discurso fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde transbordar o excesso, o ideologicamente ou o contraditório.

Tanto para o sujeito, quanto para a língua, a falta é o lugar do possível e do impossível (real da língua) o possível e o impossível de se dizer, o que pode ou não ser representado. Trazer a psicanálise para o campo da análise do discurso, significa perceber uma outra concepção de sujeito. Um sujeito clivado, assujeitado e submetido tanto ao seu próprio inconsciente, como a um contexto histórico social que molda. A psicanálise apresenta nesta concepção uma nova concepção, a de sujeito do inconsciente, representando uma “ferida narcísica” angustiante para a humanidade.

A categoria de sujeito procede da filosofia e ganha com Lacan um estatuto próprio ao ser introduzida com destaque no campo psicanalítico. É

sempre bom lembrar, contudo, que Freud, ainda que não a nomeasse diretamente, já tratara em textos iniciais, do que seria o essencial em matéria de inconsciente. A concepção de sujeito formulada por Lacan, como um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para um outro significante, encontra eco em outros campos das ciências humanas, como é o caso da análise do discurso.

Assim como Pêcheux se angustiava em seu tempo com o sujeito centrado e hegemônico que reinava absoluto nos estudos dos pesquisadores sociais da época, também nós nos questionamos hoje sobre as inúmeras formas de manifestação de singularidades subjetivas, transgressoras e renovadoras de sentidos que desafiam toda interpretação que atribua ao sujeito uma condição de efeito exclusivo de determinações de diferentes ordens.

As possíveis discussões acerca da natureza da liberdade e da possibilidade de produção de novas significações acompanham o pensamento humano, desde a filosofia, passando por outros processos de segmentação das áreas de conhecimento. Contemporaneamente, na tradição francesa, esta questão se renova, tanto no campo da psicanálise lacaniana, quanto no campo da análise de discurso, onde a noção de Grande Outro (Lacan) concorre com o conceito de Sujeito da Ideologia (Althusser) denunciando o caráter ilusório de qualquer intenção de autonomia das consciências.

Ao propor esse trabalho fica claro a necessidade da relação entre as concepções do real, do imaginário e do simbólico propostos tanto por Lacan como pela Análise do Discurso, descartando a prevalência de um ou de outro. O nó borromeano, escolhido por Lacan para representar estas relações, mostram que sempre será necessário um terceiro elo para que os demais se mantenham unidos. Da mesma forma, as relações entre real, simbólico ou imaginário se definem a partir das mediações que cada um dos termos exerce em relação aos demais.

De acordo Orlandi (2005, p. 50), “o sujeito gramatical cria um ideal de completez, participando do imaginário de um sujeito mestre de suas palavras: ele determina o que diz”. Assim, ele enuncia uma possível escolha e define o que diz, controla os sentidos sem saber que é determinado pelo lugar, pelo momento de sua enunciação exterior que o atravessa.

É, portanto, submisso à língua e a história, só assim se constitui, em termos epistemológicos a raiz do termo sujeito, no latim, designa “posto debaixo” (FERREIRA, 1986, p. 1627), o que possibilita a conceituação que ganhou corpo com a AD e com a Psicanálise, já que se trata de um sujeito dividido pela/na linguagem, interpelado pela ideologia, descentrado, gestado pela história e parido no discurso.

2.1.4 Lacan e Pêcheux

Uma questão fundamental a investigar dentro desse quadro das relações entre Análise do Discurso e Psicanálise aponta para os deslocamentos que Michel Pêcheux e outros teóricos do discurso fazem nessa tríade Real/Simbólico/Imaginário. Desde seus primeiros escritos, ainda como Thomas Herbert, há referências diretas à Psicanálise, na obra de Michel Pêcheux, especialmente no modo como ele constrói o objeto discurso, dependente, como já vimos, da Linguística, como ciência da linguagem, do Materialismo Histórico, como ciência das formações sociais, e da Psicanálise, como ciência do inconsciente. Isso é explicitado ainda mais em *Análise Automática do Discurso*, em 1969, onde consta, nas últimas páginas, o seguinte:

Uma teoria do discurso é postulada enquanto teoria geral da produção dos efeitos de sentido, que não será nem a substituta de uma teoria da ideologia, nem de uma teoria do inconsciente, mas poderá intervir no campo dessas teorias. (PÊCHEUX, 1969, p.1627).

Na obra *Semântica e Discurso* (1975), considerada a principal de Michel Pêcheux, as referências a Lacan e à sua teoria são bem frequentes, até pela insistência de Pêcheux em trabalhar uma analogia entre a ideologia e o inconsciente. O inconsciente, no sentido freudiano, e a ideologia, na acepção marxista, passam a ser revistos, respectivamente, ao modo lacaniano e althusseriano. A nova ideia de sujeito trazida por Lacan como um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para um outro significante, encontra eco em outros campos das ciências humanas, como é o caso da AD e, especialmente, em Pêcheux.

Assim como Althusser foi uma influência decisiva para Pêcheux (bem como para toda uma geração de intelectuais da época), o encontro com as ideias de Lacan também o é.

Importante reiterar que, mesmo com todo fascínio de Pêcheux por alguns conceitos da psicanálise, ele nunca deixou de afirmar que as duas ordens, a do discurso e a da psicanálise não se superpõem. Diz-nos Pêcheux quando utilizamos aqui conceitos elaborados por J.Lacan, estamos separando-os da reinscrição idealista de sua elaboração, neles incluída pelo próprio Lacan. De nossa parte, diremos simplesmente que formulações como “o sujeito do inconsciente”, “o sujeito da ciência”, parecem-nos participar dessa reinscrita idealista”. Fica evidente, em ambas as passagens, que entre idas e vindas a AD de acordo com Pêcheux, não perde nunca seu eixo, como uma teoria materialista dos sentidos, que busca articular ideologia e inconsciente na constituição do sujeito, através de e sob a linguagem.

Pêcheux afirma que a relação entre o inconsciente e a ideologia, é uma constituição mútua que as mantêm paradoxalmente interligadas, ainda que sejam distintas. O caminho para essa aproximação, na visão de Pêcheux, se daria pela linguagem, enquanto forma material.

Outro ponto importante a investigar nessa relação ideologia-inconsciente é que o sujeito, ao ser constituído pela linguagem, encontra nela sua morada e disso decorre uma marca do sujeito enquanto efeito de linguagem. Por outro lado, ao sofrer a determinação da ideologia, por via da interpelação, o sujeito se configura como assujeitado. E por ser também um sujeito do inconsciente, descontínuo por excelência e que se ordena por irrupções pontuais, esse sujeito se mostra como desejante. Efeito de linguagem, assujeitado e desejante. A morada do sujeito fica tomada, como se vê, pela inscrição ideológica que se marca no desejo, o qual opera por deslizamento em um plano de continuidade e remete sempre a uma falta. Já a linguagem, por sua vez, funciona não só como base material onde essas relações se dão, mas como a própria forma de que elas se revestem. E disso resulta o sujeito, enquanto efeito. Mais uma evidência se encontra aqui da aproximação entre a ideologia (como lugar do assujeitamento) e o inconsciente (como lugar do desejo).

Com a descoberta do inconsciente, modifica-se a ideia de sujeito, já que a consciência passa a ser a parte mínima da vida psíquica. Para Freud (1999), o Ego é definido como um conjunto de identificações que cada sujeito vai utilizando ao decorrer da vida, por isso somos muitos enquanto sujeito.

Freud (1999) usava o termo identificação para definição de processos estruturantes do “Eu” (Ego) os quais eram internalizados pelo sujeito na relação ao mundo, com a descoberta do inconsciente, a subjetividade deixa de ser individualizada e sim um modelo social de cultura.

O conceito de sujeito nem sempre existiu de maneira formal para Freud (1996) ele ganhou forma ao longo da teoria psicanalítica, ele não construiu tal conceito e comumente é aludido ao autor de uma ação. Entretanto, a referência com a qual Lacan mais tarde o trata, faz com que sua importância resida nas entrelinhas do texto freudiano desde seus primórdios.

Freud não se preocupa em buscar epistemologicamente uma definição para o conceito de sujeito (CABAS, 2009, p.15), então esta lacuna se dá entre outros motivos por uma formação médica, que o leva a usar em seus textos, termos como indivíduo, sujeito e organismo, pois, seria essa a maneira costumeira na tradição científica. O sujeito aqui ainda era o do cogito cartesiano, marcada por uma noção de indivisibilidade e sendo a razão do centro de eu funcionamento de se sua existência. O conceito de pulsão de Freud está:

Situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (FREUD, 1915/1996, p. 127).

O conceito de pulsão de morte, elaborado por Freud, é problemático e complexo, uma vez que está atravessado do princípio ao fim pelas vicissitudes de um pensamento como o freudiano, que, pela ruptura radical que produz do ponto de vista epistemológico está profundamente desgarrado em relação à ordem biológica, adaptativa ou natural. Nesse sentido, é fundamental enquadrar a pulsão de morte nos aspectos psicológicos da autodestruição e da des-ligação, em conexão com a descoberta freudiana inicial e transcendental

de uma sexualidade anárquica ou fragmentada, autoerótica, perversa, não generalizada nem finalizada, em aberta ruptura ou descontinuidade com o natural instintivo ou adaptativo e que, certamente, remetia a um inconsciente recalçado no qual, e a partir do qual, configurava-se o pulsional.

Podemos traçar um movimento pendular: do eu, sua fonte primordial, que vai em direção ao objeto, voltando novamente ao eu, de forma sucessiva. Esse caminho circular subverte a noção de sujeito como mero autor da ação, na medida em que o converte também em alvo, objeto. Nesse movimento de ir e vir, algo é produzido. Lacan (1964/1998) situa nesse ponto os primórdios da noção de sujeito, lembrando-nos que Freud, em “As pulsões e suas vicissitudes” (FREUD, 1915/1996), afirma ser possível identificar o surgimento de um “novo sujeito” ao término do circuito pulsional. Teríamos, então, o sujeito como efeito da pulsão, diferenciando-se do eu, outra construção teórica freudiana.

2.1.5 O sujeito para Lacan

É na obra lacaniana que a concepção de sujeito é retirada das entrelinhas da teoria psicanalítica e passa, paulatinamente, ao estatuto de conceito. Lacan (2006) propõe que a constituição do sujeito psíquico se dá por meio do outro. Havendo assim dois sujeitos, um sujeito “eu” do enunciado, e um “Eu” que é da enunciação. A relação que o sujeito falante tem com o inconsciente e com o desejo depende da distinção entre a vertente do enunciado do discurso e do ato de enunciação que elabora este enunciado. Para o autor o inconsciente se estrutura na linguagem como uma cadeia de significantes, sendo a construção de uma pessoa em sua realidade, levando em conta também seu corpo e sua orgânica psíquica.

É a visão de si próprio em contraponto com a figura de outros ou de objetos situados fora desse alguém. O sujeito para Lacan é um significante que remete a outro significante, assim o sujeito se dá a partir da linguagem. O significante atua separadamente de suas significação e contra o sujeito, pois o significante é apenas um dos suportes para o discurso. Em Lacan, o eu é

produzido a partir da imagem do Outro, no que ele nomeia “Estágio do espelho” (LACAN, 1966/1998).

O sujeito é afetado por “furos” primeiramente nele mesmo, como um ser faltante, o furo da linguagem, representado pelo equívoco, o furo da ideologia, expresso pela contradição e o furo da Psicanálise manifestado pelo inconsciente. Se não houvesse esse furo ou essa falta, e o sujeito fosse pleno, se a língua fosse estável e fechada e se o discurso fosse homogêneo e completo, não haveria espaço por onde transbordar o sentido.

A falta é então, tanto para o sujeito como para a língua, o lugar do possível e do impossível (real da língua). No seminário 1956-57, como vimos, Lacan buscou consolidar a ideia de que a questão da falta é central quando se trata de abordar o tema do objeto na psicanálise. Da conclusão lacaniana de que o objeto, segundo os caminhos trilhados por Freud, deve ser tomado pela via da falta, resulta a impossibilidade de confinar o desejo, na psicanálise, à sua definição em função do objeto.

A dimensão do desejo não se define pela presença de um objeto, já que é precisamente a falta dele que opera. É através da discussão de uma ética da psicanálise, no seminário conduzido entre 1959 e 1960, que Lacan propõe uma outra via para abordarmos a temática do desejo. Neste sentido, chama a atenção que em sua aula inaugural, quando é anunciado o programa do seminário naquele ano, “a necessidade de exame do tema da ética seja associada, por um lado, ao fato de a experiência analítica nos conduzir a aprofundar mais do que nunca o universo da falta” (LACAN, 1959-60/1991, p.10).

A categoria de sujeito procede da Filosofia e ganha com Lacan um estudo próprio introduzido no contexto psicanalítico, sua concepção é de um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para outro significante encontro parcerias em outros campos como a Análise do discurso. Para Pêcheux a concepção de um sujeito cartesiano que circulava nas Ciências humanas era angustiante, trazer a Psicanálise significava aderir a uma outra concepção de sujeito, um sujeito clivado, asujeitado, submetido tanto pelo próprio inconsciente, quanto às circunstâncias histórico-sociais que o

moldavam. É nesse ponto que atravessa a Psicanálise, com uma concepção de sujeito do inconsciente.

Lacan (1998) se utiliza de uma análise linguística quando procura seu objeto na lacuna deixada pelo inconsciente, pois para ele somente quando se pode levar em conta o registro do Real, que se entende como letra e significante são construídos pelo autor, já que o significante não pode ser capturado pela linguagem, mas pode ser articulado em uma estrutura simbólica e formar assim uma cadeia de significantes.

Introduzir o sujeito enquanto efeito ideológico é elementar, porém, nada se torna um sujeito, mas aquele que é chamado é sempre já-sujeito. Todo sujeito humano social só pode ser agente de uma prática social enquanto sujeito. O sujeito de Lacan, é ligado ao signo, diferentes de Pêcheux. Este introduz outra linguística formal que não justapõe a enunciação, constituindo uma filosofia das ideologias: de Lacan e de Althusser.

O que Lacan chama de “sujeito” é justamente esse enigma trazido pela barra, pela divisão que funda o inconsciente, que descentra o indivíduo e a razão (LACAN, 1973/1981).

2.1.6 Inconsciente

O esquecido sempre era algo penoso para o indivíduo, e por isso precisava ser esquecido e não significava necessariamente que seja sempre algo ruim, mas que se perdeu. Freud abandona as perguntas e deixa seus pacientes darem curso livre as ideias, e observa que algumas dessas ideias os deixam envergonhados e embaraçados.

Portanto, o inconsciente não é simplesmente o não-consciente, aquilo que está fora da consciência, o inconsciente consiste nos materiais reprimidos: “O inconsciente não é perder a memória; é não se lembrar do que se sabe” (LACAN, 2001, p. 333). Essa concepção, segundo Lacan, já está presente em Freud, e é a ela que se deve o caráter radical da descoberta do inconsciente, que marca, no limiar do século XX, o nascimento da psicanálise.

A primeira teoria sobre a estrutura do aparelho psíquico: O inconsciente exprime o "conjunto dos conteúdos não presentes no campo atual da consciência". É constituído por conteúdos reprimidos, que não têm acesso aos sistemas pré-consciente/consciente, pela ação de censuras internas. (FREUD, 1972, vol. IV, p. 339)

O primeiro modelo do aparelho psíquico de fato publicado por Freud (1900) é o do Capítulo VII de *A Interpretação dos Sonhos*. Este modelo caracteriza o que ficou conhecido como a primeira tópica. O aparelho apresenta uma sequência que vai da extremidade perceptiva à extremidade motora.

O pré-consciente refere-se ao sistema onde permanecem aqueles acessíveis à consciência. É aquilo que não está na consciência, neste momento, e no momento seguinte pode estar.

O consciente é o sistema do aparelho psíquico que recebe ao mesmo tempo como informações do mundo exterior e como do interior do mundo. Na consciência, destaca-se o fenômeno da percepção, principalmente a percepção do mundo exterior, a atenção, o raciocínio. Para Freud, os afetos não são reprimidos, mas somente deslocados (LACAN, 1966, p. 714). O que se reprime – a matéria-prima do inconsciente – é o que ele chama de *Vorstellungsrepräsentanz*, que Lacan traduz por representante da representação e considera "estritamente equivalente à noção e ao termo de significante" (LACAN, 1958-1959, 26 de novembro de 1958).

Não por acaso, a pedra angular do retorno a Freud promovido por Lacan é a concepção de que o inconsciente se estrutura como linguagem: "É toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente" (ibid., p. 495).

A inflexão lacaniana no seio do movimento psicanalítico se dá na onda do estruturalismo, quando os recursos da linguística passam a ser aplicados em diferentes áreas do conhecimento. Lacan lança mão dos conceitos da linguística de Saussure a partir de "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise", texto conhecido como "Discurso de Roma", de 1953, e principalmente do Seminário III, sobre as psicoses (1955-1956).

Mas as concepções lacaniana e saussuriana da linguagem são discrepantes, o que é facilmente compreensível: enquanto Saussure pressupõe um sujeito consciente, que sabe o que diz, Lacan opera com o inconsciente, onde o sujeito é alienado.

Assim Lacan, tal como Jakobson (este inspirado pela linguagem poética), contesta os dois princípios gerais enunciados por Saussure no Curso de linguística geral: a arbitrariedade do signo e o caráter linear do significante. O princípio da arbitrariedade implica uma relação convencional entre significante e significado, um enlace biunívoco. Em Saussure, o signo é uma entidade com duas faces, que pode ser representada pela figura abaixo:

Figura 02:



Fonte: Significante e significado no processo de alfabetização e letramento: contribuições de Saussure.

Lacan fala em “independência do significante e do significado” (LACAN, 1981, p. 258). Como o significado é visto como uma função do significante, o algoritmo s/S . A psicanálise entende que os conteúdos reprimidos acabam retornando à consciência, de forma disfarçada, e que são essas manifestações que permitem detectar a presença deles: Os sonhos, os lapsos e os chistes funcionam desse modo – via processos de linguagem. “Há por trás de todo lapso”, por exemplo, “uma finalidade significativa” (LACAN, 2005, p. 148).

2.1.7 Ideologia

A concepção de Ideologia passou a ser entendida como uma ideia ou uma crença utilizada com o objetivo de aquisição /preservação do poder. Vinculada a essa concepção, ela estaria no registro da ocultação, dando à mostra algo, tendo entretanto, outro objetivo oculto que seria a dominação - uma "mentira sob o disfarce da verdade" (ZIZEK, 1996a, p.14).

Para Marx, "a ideologia era sempre do Estado e, como disse Engels, o próprio Estado é a primeira força ideológica" (ZIZEK, 1996a, p.24). Essa concepção passou a dominar o conceito, que a partir de então se tornou necessariamente vinculada ao Estado (os "Aparelhos ideológicos de Estado" [ALTHUSSER, 1985], por exemplo).

O ponto fundamental ocorre com o conceito de ideologia, que chega pelo viés do materialismo histórico, nos moldes althusserianos, e recebe um lugar de destaque na área do discurso, sendo considerado indissociável do sujeito em um processo de constituição mútua.

Sob o olhar psicanalítico³, enquanto isso, a ideologia não encontra a mesma acolhida, já que a psicanálise não costuma operar com essa noção, ainda que seja possível admitir uma passagem entre o inconsciente e a ideologia.

A ideologia, enquanto verdade, é uma paradoxal conjunção, em que o impossível se tornaria, no futuro do pretérito, possível. Atua como operador de incorporação de um local como global, constituindo um lugar não apenas efêmero, mas de-localizado em relação ao saber, e, portanto, não apreensível por nenhuma particularidade estabelecida.

Para que a moldura da realidade se constitua, é necessário um suplemento que a determine como tal, estabelecendo a imprescindível conexão entre todos os elementos que se apresentam. Freud (1991) trabalhou esse estranho suplemento, que na mesma medida em que é imprescindível é

³ (Paulo Silveira (1994, p. 26), em "Ideologia, indivíduo, sujeito", ao examinar algumas teses althusserianas sobre a ideologia, mostra como uma delas (a de que a 'ideologia não tem história') se ancora na formulação de Freud de que 'o inconsciente é eterno'. "Insisto ainda (diz Silveira): não é apenas atribuir à ideologia um caráter inconsciente (...), mas considerar a forma da ideologia como a própria forma do inconsciente".

inapreensível (não apresentável como tal no campo em que os elementos da realidade se fazem presentes), como sendo a fantasia primordial.

Na formalização que propôs para os quatro discursos, Lacan colocou o lugar da verdade embaixo da primeira barra, sendo ela a responsável por articular a relação entre os outros três termos: o agente, o outro e a produção (LACAN, 1992). Em uma analogia com a metáfora simbólica, em que o significado não é representado imediatamente por um significante, mas remetido a outro significante, nos discursos a verdade não é representada de forma imediata por seu “agente”, mas junto ao “outro” que supostamente deve receber a comunicação.

No Seminário XX, após afirmar que o singular da análise é que ela “se possa constituir, por sua experiência, um saber sobre a verdade” (LACAN, 1985, p.123), Lacan diz que “há relação de ser que não se pode saber” (idem, p.162). Ou seja, se por um lado a verdade, em si, só pode ser entendida enquanto não sabida, por outro lado, a finalidade da análise é, paradoxalmente, suscitar um saber deste não sabido. A chave desse enigma estaria no que Lacan chamou de matema, em que, no processo analítico, por meio de uma escritura, se estabeleceria relação entre o ser que não se pode saber, e um saber sobre sua verdade, logo sobre o não sabido.

2.1.8 Inconsciente do discurso do outro

Vamos encontrar no próprio ensino de Lacan variantes para a definição de inconsciente que vão sendo formuladas de maneira complementares. “O inconsciente é o discurso do Outro. (Subversão do sujeito... [1960/1998]). “O inconsciente é a política.” (Seminário 14: A lógica do fantasma [1966- 1967]). “O inconsciente é o equívoco.” (Unbewuste. Seminário 24: L’insu... [1976-1977]). “O inconsciente é a face real daquilo em que se está enredado.” (Seminário 25: O momento de concluir [1977-1978]). “O inconsciente é Baltimore ao amanhecer.” (1966).

A psicanálise parte da lei do inconsciente que surpreende e desarma o homem com o sentido do desconhecido. Operando sobre o sujeito que se deixa

tocar pelos efeitos deste inconsciente, pela desarmonia que isso lhe causa. Lacan coloca a Psicanálise sob duas vertentes, antes a experiência terapêutica como tratamento e em seguida a da prática analítica como processo único de tratamento e formação. A Psicanálise se interessa pelo sujeito como efeito do significante, aquele que surge como desejante nas entrelinhas das palavras se fundando ao ser do sujeito.

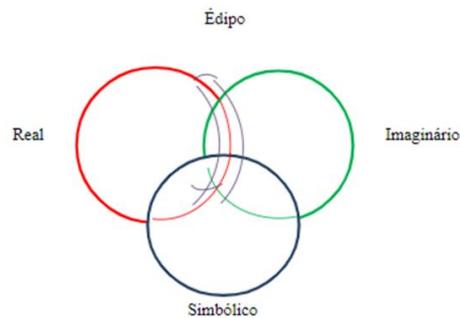
Esse ser do sujeito em sua essência resulta da articulação entre pensamento e palavra e Lacan nos ensinou que “pensamos com a ajuda das palavras”. O ser sujeito está ao lado do enunciado, do dito, está ao lado do sintoma e do *fa/asser* que implica o sujeito que fala mais que o corpo, que goza apresenta-se ao lado da enunciação e do dizer, daquilo que não é dito.

Sendo a regra fundamental da Psicanálise a Associação Livre que não se trata da imposição em dizer a verdade e nada mais que a verdade, e sim a injunção analítica de dizer o que vier à mente, podendo não ser nem o verdadeiro nem o real. E a Psicanálise como “práxis” opera em direção ao real utilizando-se do simbólico, o que quer dizer que, no momento em que o gozo se inscreve no sujeito, se deve procurar o significante que o produziu. Quando Freud formulou as regras fundamentais da associação livre, e a obrigatoriedade o psicanalista passar pela experiência analítica, o fez no intuito de garantir a independência da psicanálise e marcar a diferença entre a sua formação e a formação em medicina, para desse modo assegurar o seu direito de exercício fora da esfera da medicina.

No final de sua trajetória recusouse a entregar o futuro da psicanálise à profissão médica. No século XXI o desafio parte de uma clínica que não crê mais na transmissão do ideal pela via da universalidade do pai e da sua função significante. Hoje ela está apoiada na forclusão generalizada, ou seja, em torno de uma falta que estrutura a vida de todo ser habitado pela linguagem, tentando complementá-la.

Lacan queria deixar a Psicanálise próxima das ciências e faz relações com outras áreas como a utilização de recursos como gráficos, que proporcionam esse entrelaçamento teórico, um deles é o Enlance Borromeano, feito para ilustrar a organização edípica na estrutura do sujeito, além de carregar consigo os nomes Real, Simbólico e Imaginário.

Figura 03:



Fonte: Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.2,p.14368-14386feb. 2021.

E o que é o real, o simbólico e o imaginário para Psicanálise? O real trata do que não pode ser simbolizado, algo que sempre estar as voltas com nossas relações, pois os sujeitos trazem suas próprias realidades que resultam de suas formações simbólicas e imaginárias distinguindo do real que se concretiza. O imaginário refere-se ao princípio do prazer, traz consigo os pensamentos mágicos que manifestam uma infantilidade psíquicas através da fantasia (real) de autossatisfação. E finalmente o simbólico, é responsável pela formação estrutural do sujeito, variando entre neurose, psicose e perversão (FIGUEIREDO; MACHADO, 2000).

Assim, o signo (sujeito) constituído pelo significante (falo) que possui seu significado (exclusão fálica/rejeição/lei paterna) funciona de modo a estruturar o sujeito e a permitir seu desenvolvimento a partir de diferentes culturas, e condições materiais, seguindo o modo Saussuriano de manipulação conceitual somente obtido pela linguagem. Ainda mais, é através desse gráfico (Enlace Borromeano) o notório entrelaçamento entre as três categorias antes mencionadas (real, simbólico, imaginário) que visa trazer sustentação à estrutura do sujeito (SADALA; MARTINHO, 2014).

Capítulo 3

1 Metodologia

Para esta pesquisa serão analisados trechos de discursos, veiculados nas mídias sociais e escolhidos a partir do impacto provocado por eles nesses mesmos veículos de divulgação. Serão identificadas e levadas em conta as marcas presentes nestes discursos e analisadas as semelhanças /e ou diferenças representadas à luz das teorias do discurso e da psicanálise.

Segundo a Royal Pingdom (2010), empresa americana especializada em otimização de sites, o Brasil está entre os cinco países com maior número usuários de internet, com 72 milhões de pessoas (mais de 36% da população). Há uma diversidade de meios para acesso às redes sociais. Além do contato pessoal, as pessoas podem se relacionar por meio de bate-papos telefônicos e da internet. Desses meios, o que se destaca na atualidade é a internet, com um número crescente de pessoas que se comunicam por fóruns, blogs, microblogs e sites de relacionamento.

O sucesso das redes sociais na internet dá-se pela liberdade de expressão e realidade dos conteúdos postados. Por não estarem cara a cara, há uma entrega maior dos usuários quanto à exposição de seus sentimentos e opiniões que são postados e discutidos na rede.

De acordo com Fusco (2009), os usuários das mídias sociais formam uma legião de indivíduos falando de assuntos pessoais como viagens ou festas de que participaram. Mas também existe uma legião de consumidores trocando opiniões com pessoas de sua confiança sobre produtos e serviços. “Nenhuma fala é totalmente livre. Desigualdades de poder institucionalizadas através de economias, dos papéis de gênero, da classe social e dos meios de comunicação de propriedade da empresa garantem que nem todas as vozes tenham o mesmo peso” (BOLER, 2004, p. 3).

A afirmação de Boler (2004) fica mais significativa no caso em que uma figura pública, como um político de expressão nacional, declare suas opiniões online, nas mídias sociais, principalmente se tal figura pública tem espaço e projeção nos demais meios de comunicação social.

Busca-se identificar como esses “escapes” da fala produzem sentidos inconscientes materializados em marcas linguísticas e principalmente as diversidades de interpretação de sentido produzidas por elas nos discursos. Na primeira parte da pesquisa, será mostrado como as teorias da linguística do discurso e da psicanálise se assemelham ou se distinguem, como se posicionam os teóricos escolhidos, como a importância da abertura ao externo proposto pelas teorias elegidas neste trabalho.

1.2 A coleta do *corpus*

Quando trabalhamos com os postulados metodológicos da Análise do Discurso (AD) Francesa, não podemos ignorar que nesta vertente de estudos da linguagem toda a estruturação teórica é totalmente interdisciplinar, abrangendo a materialidade da linguagem, os conceitos da psicanálise e o materialismo histórico.

Portanto, neste trabalho procuramos estabelecer uma análise interdisciplinar usando o discurso como base para a percepção da relação existente entre os processos de FD sob à análise da AD e da Psicanálise, em especial no que se refere à memória discursiva e a sua relação com a linguística.

Dessa forma, entendemos que fazer análise do discurso em um *corpus* específico, não se resumirá somente a aplicação da linguística, mas também o que a Psicanálise tem a dizer. Esse entrelaçamento entre AD e Psicanálise possibilitará que, na nossa análise, o discurso e o sujeito analisado sejam desnudados a partir dos conceitos vistos através de ambas as perspectivas.

Para desenvolver a análise, utilizamos um *corpus* constituído por trechos de discursos do Presidente Jair Messias Bolsonaro veiculados no *Twitter*⁴

⁴ O Twitter é uma ferramenta de micromensagens¹ lançada em outubro de 2006, obtendo um rápido crescimento no mundo² e no Brasil. Nela, originalmente, os usuários são convidados a responder à pergunta “o que você está fazendo?” em até 140 caracteres. Ali, é possível construir uma página, escolher quais atores “seguir” e ser “seguido” por outros. Essas conexões são expressas por meio de links nas páginas dos usuários. Cada ator tem suas

durante a pandemia do Covid-19. O critério para escolha deste *corpus* foi o número de acessos ao discurso do Presidente. Neste estudo, busca-se identificar como as falas de Jair Bolsonaro no *Twitter*, canal que desde o início do governo é um dos principais meios de pronunciamento do presidente, evocam sentidos diferentes na AD e na Psicanálise.

1.3 A constituição de dados

A projeção frustrada de um “eu universal” na representação do Outro configura a tradução da pulsão de morte do sujeito odioso, o ímpeto de retorno ao estado primário ganha corpo no discurso político com o conservadorismo conferindo simbolização à disparidade violenta e perturbadora do real. Esse sujeito odioso dá vazão agressiva ao ódio, expressando o desejo de destruição do outro pelo gozo provocado por um discurso que é a substância da Ideologia. A linguagem é materialização do discurso e o corpo a do sujeito. A filiação à formação discursiva que enuncia “eu não...” e a do outro a população que espera uma solução.

Um embate que é antes de tudo ideológico, e se firma sob a égide de uma formação ideológica que congrega formações discursivas fascistas, racistas, misóginas, homofóbicas, xenofóbicas, antissemitas, anti-indigenistas, anti-esquerdistas, ultraconservadoras, enfim, versus a formação ideológica da expressão anti-hegemônica e de resistência.

Os discursos proferidos e realizados em frente ao Palácio da Alvorada pelo então Presidente da República Federativa do Brasil, acerca da pandemia, pôde ser acompanhada por toda a empresa e também através de suas redes sociais, principalmente pelo *Twitter*, que no momento deste estudo contava com aproximadamente 7 milhões de seguidores, tornando-se um dos principais veículos de comunicação e debates políticos do atual Presidente, juntamente com a promoção de *lives*, realizadas todas as quintas-feiras em seu canal no *youtube*.

mensagens publicadas (também chamadas “tweets”) para os seguidores, que acompanham em uma janela própria.

Um das mais conhecidas plataformas de comunicação, o Twitter é composto por usuários que discutem os mais diversos tipos de assuntos relacionados a temas sociais, assim como política e economia, nele “os discursos constituem-se em enunciados apoiados em formações discursivas específicas e diversas, que vão atuar em uma guerrilha informativa, que busca uma hegemonia de sentido sobre outro discurso” (RECUERO; SOARES, 2020, p. 3) tornando-se mais do que uma rede social onde se expõe ideias, e sim um local virtual de disputa discursiva onde os chamados “influenciadores de conteúdos” tentam legitimar informações e opiniões compartilhadas com diversos grupos/seguidores do maior alcance de visibilidade.

Segundo Allcott (2020), os sujeitos nas redes sociais atuam como consumidores e produtores, eles transformam essas ferramentas em grandes espaços de discussões de interesse público, principalmente no que diz respeito às opiniões políticas, influenciando nas práticas cotidianas dos usuários. Esse espaço virtual estabelece um distanciamento físico entre os usuários promovendo disfunções nos diálogos, assim cabe a cada um realizar as interpretações possíveis, daí a importância em se refletir sobre essas informações que circulam nestes meios de comunicação midiática e como são interpretadas pela sociedade.

Com o advento das redes sociais, as subjetividades começaram a ser invadidas por um excesso de informação e novas práticas de estratégias midiáticas fazendo surgir o fenômeno da pós-verdade, que segundo o Dicionário de Oxford (GUARESCHI, 2019) significa: “influência na formação da opinião pública” ou “apelos à emoção e às crenças pessoais”, ou seja, este fenômeno surge para influenciar diretamente na dimensão psíquica e psicossocial das pessoas e dos grupos (GUARESCHI, 2019).

Os significados são construídos através da comunicação que está ocorrendo com mais frequência através dos meios de comunicação, eles podem banalizar a formação social, além disso podem provocar construções ideológicas de valores na estrutura da sociedade. O discurso desse governo parece justificar a não-quarentena por questões econômicas.

Em pronunciamentos e entrevistas veiculados na grande mídia, seus apoiadores sugerem que um número aceitável de vidas pode ser perdido,

desde que a economia não pare. As vidas perdidas no caso, seriam as do mais vulneráveis, pois destaca-se nos seus discursos este tipo de fala: “povo sofrido que precisa comprar o pão de cada dia” (Presidência da República, 2020) falando sobre a retomada do comércio, pois os pobres precisam trabalhar e não seguir o lema “fique em casa”.

Os discursos do presidente foram marcados por ataques à imprensa, proposições vagas sobre uma “volta à normalidade”, onde não se localiza dados que apoiem/confirmem as afirmações das postagens dele, ou seja, é pura opinião pessoal. A posição do presidente como alguém que fala a verdade e posicionamentos que tentam colocar à ciência em lugar de descrédito.

Capítulo 04

1 Análise do *corpus*

Tendo em vista o exposto nos capítulos anteriores sobre as aproximações e, também, distanciamentos entre a AD e Psicanálise, bem como a exposição sobre os procedimentos metodológicos, passa-se, nas páginas seguintes, à análise dos dados.

Vejamos como pode-se compreender analiticamente os trechos de discurso, proferido pelo Presidente Jair Messias Bolsonaro:

E1 26 de março – “Brasileiro pula em esgoto e não acontece nada, brasileiro tem que ser estudado” – 2.915 casos acumulados e 77 mortes

“Eu acho que não vai chegar a esse ponto [situação dos Estados Unidos]. Até porque o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada”.

Neste mesmo dia o Brasil atingiu o marco de 77 mortes e quase 3000 infectados pela Covid-19. Mesmo com a comprovação do aumento gradativo dos casos e dos alertas da comunidade científica sobre a potencialidade de contaminação do vírus, o presidente, por meio de uma lógica obscura e pessoal, continua a minimizar a vida da população brasileira, sobretudo, daqueles que se encontram nas margens da sociedade de – sendo estes os mais prejudicados no cenário atual, especialmente, os povos indígenas, pessoas em situação de rua, quilombolas, camponeses e a população negra e pobre marginalizada dos grandes centros urbanos.

Quando Freud desenvolve o conceito de pulsão de morte, referia-se a uma energia libidinal representada pela tendência à agressividade e à destruição presente na constituição do sujeito (FREUD, 1996). Tendência esta que pode ser visualizada de diferentes formas na sociedade contemporânea, como por exemplo, a LGBTQIA+ fobia – violência direcionada às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transgênicos e travestis. Este tipo de violência é compreendido como uma das principais características dos grupos conservadores (neo) fascistas e fundamentalistas religiosos que estão

crescendo no Brasil. Daí também a repressão do pequeno grande homem se voltar àqueles cuja expressão sexual é entendida como sendo de gozo excessivo, ao invés de trabalho excessivo, destoante daquela elegida como normativa: a comunidade LGBTQIA+.

Nesse enunciado proferido por Bolsonaro, a passagem “Ele não vai pegar nada” indicia o que Freud chamou de pulsão de morte, ou seja, uma tendência à destruição.

Esse mesmo enunciado sendo analisado pela AD pode ser lido da seguinte forma: o discurso do senso comum “O brasileiro tem que ser estudado” é reiterado em seu enunciado de modo que o povo brasileiro seja visto numa instancia inferior a outros povos, o que reflete seu descaso e seu descomprometimento com a nação. Além disso, o enunciado “Ele não vai pegar nada” valida, legitima esse descaso com a população brasileira e, conseqüentemente, com o próprio cargo que foi “dado” por esse mesmo povo.

No enunciado a seguir, é possível perceber, na lógica do discurso feito pelo Bolsonaro, uma ligação direta ao conceito desenvolvido de soberania no contexto do necropoder e ocupação colonial na modernidade, que se trata da capacidade de definir quem importa ou não, isto é, quem é descartável e quem não é. Nesta visão “clássica” do Poder, ou dos micro poderes, sobressai-se que estamos nos reportando à visão do Estado Moderno, significativo de uma superestrutura jurídica e política que embasa a infraestrutura econômica de inúmeras unidades produtivas, mercadológica e financeiras lhes dando suporte legislativo/normativo, bem como, se necessário, a legalidade repressiva, caso a entropia, a desordem venham lhes fustigar, ou seja, quando houver resistência do corpo social, ou a quebra da energia em informação e está, em saber manipulado pelo capital dominante.

E2 2 de junho – “A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo” – 555.383 casos acumulados e 31.199 mortes:

“Vão morrer alguns [idosos e pessoas mais vulneráveis] pelo vírus? Sim, vão morrer. Se tiver um com deficiência, pegou no contrapé, eu lamento”,

Nessa cadeia de significantes, o presidente brasileiro sugere que os idosos e os vulneráveis morrerão de qualquer maneira, e, por isso, não são tão importantes quanto aqueles que não ocupam o lugar de importância. Em **O mal-estar na cultura**, Freud (1991) se detém a discutir a complexidade da relação entre sujeito e sociedade, ressaltando que determinadas manifestações das pulsões são permitidas ou rejeitadas a depender da norma social estabelecida. A observação desse sujeito passa, assim, pela investigação das formulações lingüísticas que produz no simbólico; pelo lugar sócio-histórico materialmente concebido que ocupa; pelo discurso no qual se inscreve para poder significar; e pelas imposições do real violento traduzidas pelo conflito (agressivo ou não) que lhe são constitutivas como sujeito. A análise da ação do sujeito odioso foi observada a partir do discurso que possibilitou a agressão violenta cometida contra o corpo social da posição-sujeito que enuncia 'vão morrer', situação em que se pode verificar o entrelaçamento dos campos ideológico, subjetivo (de natureza psicanalítica) e lingüístico, frente ao discursivo que lhes possibilita a articulação e significação que não sublima e expressa uma violência agressiva contingente e que ataca as minorias.

Do ponto de vista da AD, essa sequência discursiva pode ser lida como fazendo uma alusão a uma ideologia ultraneoliberal, na qual uma parcela da população ou, ainda, uma determinada classe social é descartada, é inútil para o capital – os idosos e as crianças. Mas, em última análise, é a recusa de aceitar os limites a que o medo da morte teria submetido o sujeito. O mundo da soberania, Batalle argumenta, 'é o mundo no qual o limite da morte foi abandonado. A morte está presente nele, sua presença define esse mundo de violência, mas enquanto a morte está presente, está sempre lá apenas para ser negada, nunca para nada além disso.

Já o enunciado 3 – E3 –,

E3 20 de abril: “Eu não sou covão” – 40.616 casos acumulados e 2.584

mortes:

<i>“Eu não sou coveiro, tá?”.</i>

Proferido oito dias após o discurso de posse realizado pelo presidente, o Brasil ultrapassou a China em número de mortes, com o total de 5.019 casos, e a forma do presidente brasileiro expressar suas condolências foi dizendo “Eu não sou coveiro, tá?”. Aqui, percebe-se, de igual forma, o mesmo posicionamento postulado por Freud relacionando à violência da fala com o excesso extravasado pelo gozo da pulsão de morte.

Discursivamente, pode-se dizer que o coveiro é o último na hierarquia do cuidado com o outro. Nesse enunciado, percebe-se a antítese do cuidado que é exercida por esse profissional, uma vez que o presidente se exime, inclusive, da responsabilidade que é, comumente, dada ao coveiro. No imaginário coletivo, a profissão de coveiro é ligada ao nefasto, ao sombrio, mas que, na hora da morte, é a última instância de cuidado.

E4 28 de abril: “E daí, quer que eu faça o quê”? – 72.149 casos acumulados e 5.050 mortes:

<i>“E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”.</i>
--

Uma questão fundamental para analisar o enunciado E4 é retomar o conceito de pulsão de morte em que há um caráter originário de destruição que aponta para uma tentativa do sujeito de se colocar como alvo da agressividade alheia, enunciada na última fala em que o presidente traz o foco para si, mesmo que na problemática em questão são as vidas de milhões de brasileiros que estão em risco – especialmente dos mais pobres – retirando, assim, sua responsabilidade. Cabe acrescentar algo que escrevemos, em passado recente, quando dizíamos que com o advento da racionalidade instrumental globalista, o mundo da linguagem, no dizer de [Bifo,2005], dominado pelo semiocapital sem vida, sem o corpo erótico que se pensa em nós muito além da vida nua, de uma vida social assomada em parâmetros civilizados, de tolerância entre estranhos, passou a triunfar (SÁ, 2013).

1.2 Os dados na Linguística

Retomando o conceito de FD da AD, pode-se dizer que essa sequência discursiva alude ao discurso religioso cuja entidade maior é aquela que salva, que dá a vida, que é do amor ao próximo, que é o da compaixão, da caridade, da ajuda, da empatia, etc. A interdiscursividade que nesse caso se estabelece é a de antagonismo entre uma figura espiritual que, no imaginário coletivo, é do bem, e uma figura que, a partir de uma postura de descaso perante o outro, é do mal.

1.3 Os dados na Psicanálise

Segundo a Psicanálise, o sujeito conserva em sua essência importante cota de agressividade em que, para viver em sociedade, ele guarda e espera uma provocação para manifestá-la, por vezes, sem motivo, direcionando-a ao outro.

Em 1960, Freud aperfeiçoa a teoria das pulsões e indica o *supereu* como catalisador de toda agressividade. Ao tratar dos paradoxos da lei moral, a partir do "Mal-estar na civilização" (Freud, 1930 [1929] /1990), Lacan (1959-1960/1988) nos remete ao próprio paradoxo do supereu, que se alimenta da renúncia exigida por ele. Aí se vê que a função do supereu é reforçar as imposições da civilização: sua missão é exigir a renúncia pulsional, renúncia da qual se nutre.

Trata-se da renúncia à satisfação ligada à pulsão de morte: a agressividade e a destrutividade. De qualquer forma, Freud ressalta que tanto a realização da agressividade quanto a sua renúncia trazem infelicidade; portanto, reconhece como impossível o mandamento superegoico - renúncia pulsional - que desconsidera a quem o eu também serve: o isso. No texto freudiano desvela-se o supereu defasado com a lei, atuando como limitador da satisfação pulsional, mas baseado profundamente nisso e vinculado à pulsão de morte.

Segundo Freud, o que funda a civilização é uma necessidade não de regular as pulsões sexuais, mas sim de estabelecer uma proteção contra a

agressividade do próximo, o gozo. Ou seja, o que se afigura como um mal é o nosso gozo, a agressividade contra o outro, que também se volta contra o próprio sujeito. Vemos que, no seminário da Ética (Lacan, 1959-1960/1988), o gozo é incompatível com a moral. Lacan postula que o gozo é um mal porque implica o mal do outro, é o gozar do corpo do outro, que já antecipa o objeto a como contido no Outro. Esta instância psíquica foi apresentada pelo psicanalista como aquela que cumpre a função de aumentar as exigências para o eu e averiguar se está cumprindo o que é determinado no campo do ideal. O *supereu* atua em forma de consciência, auto-observação e vigia. Por isso, ele pode ser pensado como a instância que internaliza os imperativos sociais. Assim, frente às exigências impostas ao sujeito para renunciar toda a agressividade, a saída encontrada por vezes é de identificar-se com ela.

1.4Psicanálise como práxis

De acordo com Lacan, o nascimento da ciência é “uma mutação decisiva que, por intermédio da física, fundou a ciência no sentido moderno, sentido que se postula como absoluto” (1998, p.869). Para Miller (2010) a psicanálise no sentido absoluto é uma experiência que produz uma existência expurgada de sentido empregando a mesma expressão que Lacan quando se refere “à Ciência. “.

Ao findar uma análise, um falante aproxima-se de identificar o sem sentido de sua existência, o circunscrever do significante arbitrário no qual se instaura um acontecimento. O Sinthoma ou a maneira única de cada um usufruir de Um-corpo. Na prática da Psicanálise, acreditamos que exista uma relação entre o sentido e o real por meio do sintoma, do contrário a operação analítica precisaria se apoiar somente no real. A Psicanálise se reduziria a um estudo de uma narrativa entre o real e o significante. A prática psicanalista se ancora nas representações e nos sentidos ou verdades que variam, mas o sintoma permanece, e é por esta razão que o consideramos como equivalente ao real.

Práxis é um termo amplo que designa “uma ação realizada pelo homem (...) que o põe na condição de tratar o real pelo simbólico.” (LACAN, 1964/65-

1985, p.14). Lacan, ao final de seu ensino, almejava que a psicanálise fosse um discurso que não seria semblante, e que engendrasse efeitos no real, o DNA na biologia é a metáfora do real, assim como a cadeia borromena é a metáfora freudiana do real na psicanálise.

A topologia é o último ensino de Lacan que atualiza o ensinamento da política da Psicanálise: “um discurso sem palavras”. A palavra sempre traz o equívoco, assim como a verdade que tem a ver com o real e o real é o impossível de ser dito.

O equívoco como o lapso, não é um erro, mas a chance de surgir um significante novo. Lacan publica seus *Escritos* como uma carta aberta que chega a seu destino mesmo depois de desvios que sofra no caminho, assim ela é a portadora do significante mestre que rege o fundamento da Psicanálise. O valor político da carta é instituído de fora, por aquele que a detém, O seminário sobre “A carta roubada”, com que Lacan ([1955] 1998), o conteúdo não importa tanto quanto quem a detém, no caso, cada psicanalista e o fazer analítico. Essa formulação de Lacan pode ser entendida como uma posição política, o paradoxo de que eu tenho que me colocar no lugar do Outro e ao mesmo tempo me colocar em uma posição singular.

O analista é e não é em um mesmo tempo. Pois o que está em jogo para a Psicanálise não é o que é inominável, mas o inominável, que introduz no simbólico um furo.

Assim, as ideologias estão nas representações e se fixam como resposta ao mal-estar na civilização podendo não só servir de referências identificatórias, como também de objeto de fascínio. Para Rodrigues (2021), líderes populistas produzem esse efeito hipnótico em que as pessoas entram num encantamento, numa captura ao se alienarem ao que é dito sem menor reflexão de juízo. A posição política não está nos enunciados ou nos conteúdos, mas na posição daquele que enuncia a mensagem. O alvo da carga pulsional destrutiva é descarregada no real em vez de se realizar por meio de instrumentos simbólicos.

No início do século XX, após 1920, Freud escreve muitos textos importantes sobre os fenômenos sociopolíticos de sua época, denunciando as ilusões e as atrocidades políticas da modernidade. Desses trabalhos originou-

se uma das mais importantes escolas de teoria política do século XX, a Escola de Frankfurt (Escola de Teoria Social Filosófica associada à universidade de Frankfurt, na Alemanha) teve com seguidores de Marx e girava em torno da lógica do poder e os aspectos inconscientes que levavam as pessoas ao fascínio e à servidão.

Assim se constituiu o que ficou conhecido como a “esquerda freudiana”. A psicanálise não é uma ideologia nem filosofia, e sim uma ética que lhe é própria, a ética do desejo.

1.5 Conclusão

Neste trabalho, nos propomos a uma reflexão teórica acerca da relação existente entre Análise do discurso e a Psicanálise. Nada preexiste à língua, tal como afirma Derrida (2002) e como já desenvolvemos aqui, essa noção pode ser aproximada (e não polarizada em relação) ao que Lacan (2009, p. 12-13) considera sobre o discurso, tomado como um artefato, pois, em suas palavras, “para o discurso, não existe nada de fato, se assim posso me expressar, só existe fato pelo fato de dizê-lo. O fato enunciado é, ao mesmo tempo, fato de discurso”.

Desse modo, discurso, articulação significante, língua, sujeito, sentido só funcionam enquanto pertencentes a uma rede conceitual, reescrevendo-se e significando-se uns aos outros.

A língua nos falta e nos constitui enquanto sujeitos. Partindo dessa afirmação aparentemente paradoxal, pretendemos nesta tese discutir as noções de língua e sujeito, tal como são vistas pela Análise do Discurso de linha francesa (AD) em sua intersecção com a Psicanálise.

Assim, foi importante fazer uma retrospectiva do modo como foram vistos alguns conceitos em alguns momentos da história da Linguística, passando pelas contribuições da Psicanálise, que se colocaram de maneira proeminente, sobretudo na chamada terceira fase da AD.

Já que toda produção discursiva só se dá na relação com a sua exterioridade, é preciso considerar que, sendo a Linguística uma disciplina não isolada, mas imersa em um campo epistemológico, ela reflete uma conjuntura social, histórica e ideológica.

Essa proposta de reflexão não esgota todas as possibilidades de pensar em um movimento que privilegie a interdisciplinaridade entre as duas disciplinas. Há muitas outras questões que, ainda, permanecem obscuras nessa interlocução.

A busca por convergências possíveis não ignora que a Psicanálise tem seu campo específico, centrada nas questões relacionadas à análise clínica, privilegiando o discurso desse domínio.

Entretanto, a relação entre discurso e inconsciente que atravessam o sujeito pode se constituir como pontos convergentes, possibilitando uma amplificação do conhecimento acerca desses domínios.

Referências:

ADORNO, Theodor. Teoria Estética. 2 ed. Tradução de Artur Morão Lisboa: Edições 70, 2011. BRUM, Rodrigo Gratacós. Três variações para o ensaio: Tchekhov, Kuleshov, Coutinho. Ao Largo, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-12, 2015.

ALLCOTT, Hunt et al. Polarization And Public Health: partisan differences in social distancing during the coronavirus pandemic. NBER, Cambridge. abr. 2020. Disponível em:

file:///home/chronos/uc64b725f03dbd4c9df57c43459ec98bcfa401906/MyFiles/Downloads/tcc/artigos%20novos/PO

LARIZATION%20AND%20PUBLIC%20HEALTH.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.

ALTHUSSER, L. Aparelhos ideológicos de estado. Rio de Janeiro: Graal, 1992. AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade enunciativa. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. Trad. Celene M. Cruz, João Wanderley Geradi. Campinas, (19):25-42, jul/dez, 1990.

ALTHUSSER, Louis. Aparelhos ideológicos de Estado. 2. ed. Tradução de EVANGELISTA, V. J.; CASTRO, M. L. V. de. Rio de Janeiro: Graal, 1985. BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da linguagem. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

ALVES, A. R. J. B.; PADILHA, L. G. A.; RODRIGUES, L. R. A. Do ensaísmo ao inacabamento - a radicalidade de Moscou no legado de Eduardo Coutinho. RUA - Revista Universitária do Audiovisual, v. 1, p. 1-15, 2015. Disponível em: <https://www.rua.ufscar.br/do-ensaismo-ao-inacabamento-a-radicalidade-de-moscou-nolegado-de-eduardo-coutinho/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

BAKHTIN, M. Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BENVENISTE, E. Problemas de Linguística Geral. 2 v. Campinas: Pontes,

1989, 1991. BRAIT, B. (org). Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas. Campinas: Pontes: Fapesp, 2001.

BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In:

BENVENISTE, Emile. Problemas de Lingüística Geral II. Tradução brasileira de Problèmes de linguistique générale II, 1974. Campinas:

BRANDÃO, H. H. N. Introdução à Análise do Discurso. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Introdução à análise do discurso. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. Discurso e Ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CITELLI, Adilson. Linguagem e Persuasão. 10. ed. São Paulo: Ática, 1995.

COSERIU, Eugenio. Semântica Estructural y Semántica Cognitiva. In: MIRANDA, L.; ORELLANA, A. ed. Actas Del II Congreso Nacional de Investigaciones Lingüístico-Filológicas. Peru: Universidad Ricardo Palma, 1998.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. Livres Pensares. Porto Velho: Edufro, 2003.

FERRAREZI JR., Celso e TELES, Iara Maria. Gramática do Brasileiro. São Paulo: Editora Globo, 2006.

FERRAREZI, Junior Celso; SOUZA FILHO, Marinho Celestino de. Alfabetização e Linguagem: a vida na escola. Revista Gestão Universitária. Edição 319, julho de 2011.

FOUCAULT, M. A Arqueologia do saber. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREGE, Gottlob. Lógica e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Cultrix, 1978.

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a liberdade e outros escritos. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. GUIRALD, Pierre. A Semântica. Tradução de

MASCARENHAS, M. E. Rio de Janeiro: Difel, 1975. ILARI, R.; GERALDI J. W. Semântica. 10. ed. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1999.

FREUD, S. A etiologia da histeria. In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b. Vol. III.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c. Vol. XII.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 7 ed.. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

FREUD, Sigmund. Construções em análise. In: Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a. Vol. XXIII.

GADET, F.; TAK, T. (org.) Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1993.

GONÇALVES, Marco Antônio. Moscou: o encontro marcado entre Coutinho e Tchekhov e a construção de uma estética distópica. Novos Estudos CEBRAP (Impresso), v. 107, p. 3441, 2016.

INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (org.). Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999. KEHDI, Valter. Morfemas do Português. 6ed. São Paulo, Ática, 2000. KOCK, Ingedore G. Villaça. A Interação pela linguagem. 3 ed. São Paulo, Contexto, 1997.

LOPES, Edward. Fundamentos da Linguística Contemporânea. 22. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. Novas tendências em análise do discurso. 3. ed. Campinas: Pontes, 1977.

MARX, K.; ENGELS, F. A Ideologia Alemã. Tradução de ENDERLE, R.; SCHNEIDER, N.; MARTORANO, L. C. São Paulo: Boitempo, 2007. LUFT, Celso Pedro. Língua e Liberdade. São Paulo: Ática, 1995.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Discurso e Leitura. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
ORLANDI, Eni Pulcinelli. A Linguagem e seu funcionamento. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996. ORLANDI, Eni Pulcinelli. Interpretação. Vozes: Rio de Janeiro, 1996.

LACAN, J. O Seminário 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955). Trad. Christine Lasnik Penot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
FERREIRA, M.C. Leando Saussure, Chomsky, Pêcheux: a metáfora geométrica do dentro/fora da língua. In: Linguagem & Ensino, v. 2, n. 1, 1999 (123-137). Disponível em: < [http://rle.ucpel.tche.br /php/ edicoes /v2n1/kitty.PDF](http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v2n1/kitty.PDF)> Acesso em: 20 ago.2010.

MALDIDIER. D. A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni. P..Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MILNER, J. C. O Amor da Língua. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

NORMAND, C. Convite à linguística. Trad. Cristina de Campos Velho et al. Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan (Orgs). São Paulo: Contexto, 2009.

MOREIRA, Flávia Cristina Assis. As fronteiras entre documentário e ficção em Moscou: um filme de Eduardo Coutinho. 2009. 24 f. Monografia (Especialização) - Curso de Curso de Pós-Graduação em Lato Sensu em Comunicação: Imagens e Culturas Midiáticas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MOSCOU. Direção: Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Bretz Filmes, 2009. 1 DVD (78 min).

NÉIA, Lucas Martins. O processo como obra: de Anton Tchekhov a Enrique Diaz e Eduardo Coutinho, caminhos para Moscou. Novos Olhares, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 88-97, dez. 2019. RODRIGUES, Laércio Ricardo de Aquino. A primazia da palavra e o refúgio da memória: o cinema de Eduardo Coutinho. 331 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Universidade de Campinas, Campinas, 2012.

ORLANDI, E. P. Análise do Discurso: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Análise do discurso: princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PARTEE, Bárbara H. The development of formal Semantics in Linguistic Theory. 1997. In: SHALOM, L.; FOX, C. ed. The Handbook of Contemporary Semantic Theory. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1998.

PAVEAU, M; SARFATI, G. As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à Interfaces Guarapuava, Vol. 3 n. 1 (jul. 2012) ISSN 2179-0027 47 pragmática. Trad. Maria do Rosário Gregolin et al. São Carlos: Claraluz, 2006. PÊCHEUX, M. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio (1975). Trad. Eni P. Orlandi et al. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1997.

PÊCHEUX, M; GADET, F. A língua inatingível: o discurso na história da linguística. Trad. Bethania Mariani e Maria Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Pontes, 2004

PÊCHEUX, Michel. Discurso: estrutura ou acontecimento. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997. PERINI, Mário Alberto. Sofrendo a Gramática. São Paulo: Ática, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1975.

PERINI, Mário Alberto. Gramática Descritiva do Português. São Paulo: Ática, 1996.

POSSENTI, Sírio. Discurso, estilo e subjetividade. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

POSSENTI, Sírio. Por que (Não) Ensinar Gramática na Escola. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 1996. PROPP, Vladímir. Morphology of the folktale. Bloomington: Indiana University Press, 1958.

RAMANZINI, Haroldo. Introdução à Linguística Moderna. São Paulo, Ícone, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. 20 ed. São Paulo, Cultrix, 1995.

SILVA, D. E. G. DA.; VIEIRA, J.A. (org.). Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos. Brasília: Plano, 2002.

TCHÉKHOV, Anton. Quatro Peças: A gaivota, Tio vânia, Três irmãs e O Jardim das cerejeiras. Tradução de Rubens Figueredo. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021.